

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - INGLÊS**

KELLY CRISTINA MIRANDA

**OS DISCURSOS SOBRE A MULHER EM NOTÍCIAS *ONLINE* ACERCA DA
VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2017

KELLY CRISTINA MIRANDA

**OS DISCURSOS SOBRE A MULHER EM NOTÍCIAS *ONLINE* ACERCA DA
VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de Trabalho
de Conclusão de Curso do curso de
Licenciatura em Letras Português-
Inglês da Universidade Tecnológica
Federal do Paraná – UTFPR
Orientadora: Profa. Dra. Nívea Rohling

CURITIBA
2017



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Campus Curitiba

Departamento Acadêmico de Linguagem e
Comunicação

Departamento Acadêmico de Letras Estrangeiras
Modernas



Curso de Graduação em Letras Português/Inglês

TERMO DE APROVAÇÃO

OS DISCURSOS SOBRE A MULHER EM NOTÍCIAS *ONLINE* ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Por

KELLY CRISTINA MIRANDA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 27 de novembro de 2017 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no curso de Letras Português/Inglês. O candidato **KELLY CRISTINA MIRANDA** foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. Nívea Rohling
Professor orientador

Prof. Dr. Adriana Cabral
Membro Titular

Prof. Dr. Ana Paula Silveira
Membro titular

AGRADECIMENTOS

À minha família especialmente aos meus pais Sônia e Juberto, pelo apoio e compreensão durante todo o período da graduação. Agradeço à minha orientadora, professora Dra. Nívea Rohling, e a banca examinadora pelas sugestões de pesquisa para a conclusão deste trabalho. Aos amigos e colegas pelos conselhos e sugestões durante o processo desse trabalho de conclusão.

RESUMO

MIRANDA, Kelly. Os Discursos Sobre a Mulher no Jornalismo Online em Notícias Acerca da Violência de Gênero. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação e Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

Este trabalho apresenta uma análise de interações interlocutivas em comentários *online*, produzidos a partir de notícias que tematizam a violência de gênero, publicadas no *Portal de Notícias G1* e no *Jornal Gazeta do Povo*. O gênero comentário *online* tem sido um importante recurso de interação nas redes sociais digitais, em que os usuários mobilizam esse recurso para expor opinião sobre determinado assunto em circulação social. Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi analisar os comentários, considerados um discurso-resposta, observando os diferentes discursos sobre a mulher em contexto de situações de violência de gênero narradas nas referidas notícias. Com base nos escritos do Círculo de Bakhtin e comentadores contemporâneos dessa teoria e a partir de pesquisas sobre o movimento feminismo, esse estudo identificou que os diferentes discursos estão enredados, de modo que o comentador utiliza de estratégias discursivas para legitimar uma opinião ou apresentar uma contraresposta a outro interlocutor, mais precisamente outro comentador. Os resultados mostram que ainda predominam discursos mais estabilizados e conservadores sobre a mulher no que respeita aos aspectos de gênero social. Além da discursividade sobre a mulher e seu papel na sociedade, este estudo também reflete sobre as notícias *online* e a rede social *Facebook* como um espaço de discursos emergentes nas interações entre os usuários.

Palavras-chave: Notícias *online*; Discurso; Feminismo; Violência Contra a Mulher.

ABSTRACT

MIRANDA, Kelly. The discourses about women in online journalism in news on gender violence. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação e Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

This research presents an analysis about interlocutory interaction in comment reviews, which are produced in news that deals with gender violence. The analyzed news was published by portal *G1* and the newspaper *Gazeta do Povo*. However, the online comment genre is an important feature as it allows the user to express their opinion. The objective of this study was to analyze the comments, considered a speech-response, observing the different discourses about women in the context of gender violence. Based on the Bakhtin Circle theory and contemporary authors and from the research on feminism, this study identified the commentators use discursive strategies to legitimize an opinion about the woman. Finally, this study also reflects on online news and the social network Facebook as an important space for interaction

Keywords: Online news; Speech; Feminism; Violence Against Women.

Lista de Figuras

Figure 1 N1 Portal G1 trecho da matéria	29
Figure 2 N1 Postagem da notícia no <i>Facebook</i>	31
Figure 3 N1 Interações interlocutivas no comentário do <i>Facebook</i>	32
Figure 4 N1 Entrevista ao G1	36
Figure 5 N1 Entrevista ao G1	37
Figure 6 N2 Foto G1	38
Figure 7 Trecho da Entrevista N2 G1	39
Figure 8 N2 Relato da vítima	39
Figure 9 N3 Gazeta do Povo	40
Figure 10 N3 Gazeta do Povo	41
Figure 11 N3 Descrição do percentual de assassinatos contra a mulher - Gazeta do Povo	42
Figure 12 N3 Gazeta do Povo	44
Figure 13 N3 Gazeta do Povo	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFLEXÃO TEÓRICA	12
2.1 Revisão de Literatura	12
2.2 OS ESTUDOS FEMINISTAS NA HISTÓRIA	15
2.2.1 Linguagem, discurso, enunciado e valoração	19
3 METODOLOGIA	23
3.1 DESCRIÇÕES DOS JORNAIS <i>ONLINE</i>	24
3.2 DEESCRICÇÃO DOS JORNAIS	25
4 ANÁLISE	29
4.1 GÊNERO NOTÍCIA	29
4.2 GÊNERO COMENTÁRIO <i>ONLINE</i>	31
4.2.1 A interação interlocutiva no <i>Facebook</i>	34
4.2.2 A mulher na ótica das notícias	35
4.2.3 A reação/resposta às notícias sobre violência contra a mulher	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Acredita-se que o movimento feminista tenha surgido com a Revolução Francesa (1789), reivindicando a igualdade política entre os gêneros, e denunciando a opressão que as mulheres estavam vivendo à época. Há um consenso entre alguns estudiosos do campo como Evan (1994), de que a primeira fase do feminismo tenha se consolidado, enquanto movimento, por volta do século XIX na Inglaterra para reivindicar o direito ao voto das mulheres em eleições políticas, as chamadas Sufragistas. Conhecidas por promoverem manifestações, debates e até greve de fome em Londres, as Sufragistas tinham como objetivo chamar a atenção para as injustiças ocorridas nas fábricas e a falta de democracia por não considerar a mulher como cidadã efetiva no campo político. Após uma série de reivindicações e lutas, o feminismo contemporâneo surge com força nos anos de 1960 no Ocidente, especialmente nos Estados Unidos e França quando um grupo de mulheres se opõe à falta de representatividade na política e a falta de políticas públicas no que diz respeito à saúde e aos espaços de atuação profissional.

Dos passos iniciais até aqui houve um longo percurso de lutas no campo do feminismo e apesar dos avanços alcançados pelas mulheres em muitos espaços de atuação, contemporaneamente vivemos um período de retrocessos sociais. Um aspecto importante nesse debate, e que vem ferindo os direitos conquistados pelas mulheres, é o aumento significativo da violência de gênero. Segundo os dados da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SMP - PR), a violência teve um aumento expressivo entre 2010 e 2013, cerca de 85,85% da violência sofrida corresponde ao ambiente doméstico e familiar, sendo que na grande maioria dos relatos o agressor é homem, com quem a vítima manteve algum relacionamento. De acordo com o ¹Mapa da Violência Homicídio de Mulheres, a cada cinco minutos uma mulher é agredida no Brasil.

Diante desses dados, é possível problematizar que atos de violência

¹ Disponível em:

http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf.

Acesso em: 15/04/2017.

contra a mulher estão assentados em discursos e concepções sobre o que é ser mulher hoje, e sobre o seu papel na sociedade. A violência, que não é somente física, mas também simbólica e psicológica perpassa/envolve atos de linguagem. Os modos de conceber a mulher são construídos na e pela linguagem em uso, em outras palavras, nas cadeias de comunicação discursiva. Isso porque a linguagem é inerente a toda atividade humana coletiva e produz refrações de organizações sociais e econômicas gerada pela sociedade, ou seja, é um produto da vida social. A linguagem é um produto vivo da interação social e nela se reflete e refrata as condições históricas de cada tempo (VOLOCHÍNOV, 2017).

Como dito, essa pesquisa analisou os discursos sobre a mulher em notícias *online*, para isso foram selecionadas notícias acerca da violência contra a mulher, bem como os comentários dos leitores, constituindo respostas ativas a essas notícias publicadas. Tendo em vista que todo enunciado produzido entre os interlocutores em determinada situação de interação é impregnado de ideologia, pois os enunciados são afetados por outros discursos já ditos, buscou-se analisar os discursos sobre a mulher nesse jogo de tensão entre os interlocutores, quando é tematizada a mulher em contexto de violência.

Para tanto, os dados analisados constituem-se de três notícias publicadas em duas páginas de empresas jornalísticas na rede social *Facebook*. Os jornais escolhidos para a análise do discurso são o Portal de Notícias *G1* e *Gazeta do Povo* por serem mídias de grande alcance em termos de circulação e recepção.

Dessa forma, foi estabelecido como o objetivo geral **identificar e analisar os discursos sobre a mulher produzidos no jornalismo *online* acerca da violência de gênero**. Com a finalidade de atingir tal objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) aprofundar os estudos sobre o feminismo; b) traçar um histórico dos estudos feministas; c) aprofundar estudos teóricos sobre a linguagem, incluindo conceitos como: discurso, enunciado e linguagem a partir dos estudos bakhtinianos; d) descrever os espaços de produção dos enunciados em foco, a saber, as notícias e comentários do jornalismo *online*; f) observar e analisar as valorações em relação à mulher nos

enunciados em estudo; g) analisar as interações discursivas entre notícias e comentários; h) observar e descrever o posicionamento dos interlocutores, frente às notícias publicadas.

Vale destacar que o tema deste TCC surgiu a partir de uma motivação pessoal em aprofundar os estudos sobre o movimento feminista e gênero social e como tal movimento tem se fortalecido na atual conjuntura política e social. Isso porque as reflexões em torno do movimento feminista tanto no meio acadêmico, nas redes sociais em páginas de coletivos ativistas, em programas de TV e jornais têm contribuído para o empoderamento feminino. Além disso, as discussões e mobilizações acerca dos direitos das mulheres contribuem para a compreensão e uma transformação de pensamento do ser humano, acredita-se que quanto mais amplo for o debate sobre o tema, mais consciente as pessoas se tornarão a respeito das opressões que as mulheres ainda sofrem nos dias atuais, pois é pelo discurso que ocorre o embate permanente.

E, considerando que o feminismo é também uma construção discursiva, construída sócio e historicamente, é de extrema importância relacionar os estudos feministas aos estudos discursivos. A partir de um estudo sobre os discursos em circulação, é possível problematizar e compreender os discursos reproduzidos socialmente sobre a mulher que acabam, muitas vezes, por marginalizá-las.

Além da análise da produção de discurso sobre a mulher, este trabalho pôde contribuir para uma reflexão sobre o posicionamento do leitor frente a notícias de violência de gênero, ao analisar os comentários postados em relação às referidas notícias. A escolha por analisar notícias publicadas no jornal Gazeta do Povo e G1, deu-se pelo fato de que esses jornais têm alta visibilidade. Por se tratarem de jornais empresariais tidos como a mídia oficial no Brasil, o número de leitores é muito maior em comparação com outros jornais de mídia alternativa.

Como dito antes, foram analisados os comentários produzidos a partir de notícias, pois os discursos que repercutem nos comentários são trazidos da esfera cotidiana para serem reproduzidos e reacentuados nas redes sociais. Nesse contexto de produção discursiva, o comentário tem uma importante função nas diferentes esferas sociais, pois permite que leitor-comentador

exponha suas ideias a respeito de um determinado tema abordado. É nos comentários que se podem identificar as diferentes vozes que permeiam o discurso. Nesse sentido, a contra-resposta tem um valor significativo para a análise, pois quando o leitor tece algum comentário a uma notícia, está sujeito a ser interpelado por uma resposta, havendo assim uma interação intensa entre os próprios leitores. Dessa forma, observar as respostas dos leitores ao se posicionarem foi importante, pois evidenciou os discursos que circulam sobre a mulher, apontando o posicionamento do leitor a respeito da violência de gênero.

A fim de apresentar o estudo realizado este TCC está organizado em cinco capítulos. Na primeira parte está a introdução, em seguida é apresentado o referencial teórico, o capítulo três é referente à metodologia da pesquisa, e na seção posterior há a análise e discussão. Por fim no capítulo cinco há as considerações finais sobre a pesquisa.

2 REFLEXÃO TEÓRICA

Este capítulo contempla a revisão de literatura com vistas a sustentar a análise dos discursos sobre a mulher no jornalismo *online*. A análise dos enunciados requer a compreensão de conceitos como linguagem, discurso e interação verbal fundamentada nos estudos do Círculo de Bakhtin. Além disso, é apresentado um estudo sobre os estudos feministas na história e a discussão sobre linguagem, discurso e interação verbal.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Ao realizar uma pesquisa na área do discurso sobre a mulher no jornalismo *online* foi preciso inicialmente realizar uma consulta sobre os estudos já desenvolvidos na temática proposta deste trabalho. Assim, observamos que a imagem da mulher está sempre associada às concepções sobre o que é ser mulher em diferentes ambientes, muito dessas representações são reproduzidas pela mídia. Com base nos estudos do Círculo de Bakhtin, em que a construção da imagem ocorre a partir do olhar do outro, buscamos pesquisas cujos dados de análise focalizassem a imagem da mulher em notícias *online*.

Levando em conta a concepção de que o gênero social é uma construção assentada na cultura e nas relações sociais, que é construída desde o momento do nascimento, podemos mencionar a dissertação de mestrado intitulada: *Notícias Para Mulheres: Dialogismo e Avaliação Social*, de Amanda Maria de Oliveira (2017). A pesquisa teve por objetivo compreender como a imagem da mulher é discursivizada pela mídia em notícias publicadas em revistas *online* destinada ao público feminino, tendo como base teórica a Análise Dialógica do Discurso e os estudos feministas.

A autora faz uma consideração sobre a construção da identidade feminina e explica que há uma universalização do discurso feminista, uma vez que em todos os movimentos feministas há uma crítica a instituição patriarcal. De acordo com Oliveira (2017) a discussão em torno do gênero como uma

construção social emergiu nos estudos sobre feminismo, gênero e sexualidade para contrapor a visão de gênero ligada a de sexo biológico e como algo inerente ao ser humano. O termo gênero, nesse contexto, foi fundamental para a discussão e a ruptura com o discurso naturalizado de sexo biológico.

Para a pesquisadora apesar dos avanços do movimento feminista, o discurso biológico em torno do que é ser homem (forte) e mulher (frágil), prevalece evidenciando as barreiras que o movimento ainda encara (OLIVEIRA, 2017). Esse discurso sobre gênero, segundo a autora, está amparado pela linguagem midiática, mais especificamente o uso da linguagem para o fortalecimento de tais concepções. Para Oliveira (2017), a imprensa teve um papel significativo no que diz respeito ao acesso das mulheres à educação, uma das reivindicações do movimento feminista. No entanto, deteve a atenção voltada somente para a educação do lar, de mãe e de esposa. Para a autora, as publicações de revistas femininas ainda são voltadas para os afazeres do lar, publicações relacionadas à esfera privada ou em datas comemorativas como o dia das mães, já os assuntos que diz respeito à esfera pública como política, economia, etc. são ignoradas em revistas direcionadas ao público feminino.

A partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, a autora faz considerações a respeito das diversas vozes sobre a imagem que revistas constroem sobre a mulher na atualidade. Há dois discursos que circulam nas revistas, como o da renovação e o discurso tradicional. O primeiro diz respeito à mulher que é mãe, dona do lar, mas que, ao mesmo tempo, almeja ter sucesso profissionalmente, porém a vida voltada para a família já é vista como um fracasso ao tentar conciliar trabalho e família. O discurso tradicional procura implicitamente manter o discurso vigente, sobre o papel da mulher na sociedade como o de boa esposa e mãe. Dentre as revistas analisadas, na dissertação, os discursos vão mudando ao longo do tempo, o encontro de vozes vai variando de tempos em tempos, entre o discurso de renovação e de tradição.

De acordo com a dimensão social do gênero notícia, a autora relata que há uma publicação regular desse gênero, pois as notícias são organizadas em acontecimentos factuais e acontecimentos suscitados. Desse modo, a compreensão do gênero se reproduz em novas interações. Para tanto, a

constituição do que é ser mulher em notícias *online* é feita a partir das escolhas lexicais, assim como as projeções ideológicas-valorativas a respeito do fato que foi noticiado. Segundo Oliveira (2017), tais escolhas são orientadas pela possível atitude responsiva do leitor, e pelos interesses que levam o público a acessar determinada revista e não outra.

Apesar de o discurso feminista estar em pauta em diversas esferas sociais como, por exemplo, os jornais e revistas percebem-se que na consolidação desse discurso em revistas destinada ao público feminino ainda há o predomínio do discurso da mulher idealizada, responsável, bonita, jovem, saudável, etc., sempre voltada para um grupo privilegiado. Para a autora, as temáticas do discurso feminista nessas revistas não pautam assuntos voltados para a mulher trabalhadora em área de risco ou a mulher negra, por exemplo.

Ademais é válido considerar o artigo intitulado: *“Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias?”*, em que Viviane M. Heberle (2004) descreve algumas das formas de interação nas revistas femininas e como se dá a construção do discurso sobre a mulher no jornalismo de revista. De acordo com a autora, um dos meios para interagir são os jogos e testes para as mulheres, como por exemplo, há trechos em que a revista pergunta à leitora se a sua vida está equilibrada, sempre focalizando questões relacionadas ao corpo, à moda ou à saúde. As manchetes servem para instigar as leitoras a se engajarem para resolverem tais problemas de ordem cotidiana.

Para Heberle (2004) o comportamento das mulheres é generalizado como se houvesse uma concordância sobre do que todas almejam. Dessa forma, parece que os problemas que as mulheres enfrentam diariamente são de fácil resolução e são os mesmos para todas. Segundo a autora nas revistas há um consenso em torno das aspirações femininas, e não considera as distinções globais. De acordo com Heberle (2004), as revistas femininas fazem uso de marcadores discursivos para se aproximar da leitora, como os conselhos amorosos, carreira, família, ou outra orientação de beleza. Há nas revistas femininas discursos sobre como a mulher deve pensar, agir e se relacionar. Os consensos estabelecidos pelas revistas são, na grande maioria, mais baseados no consumo frenético invés real necessidade.

A autora discute em uma seção a respeito do discurso relacionado às fantasias e realidades. Segundo Heberle (2004), as revistas destinadas às mulheres evocam elementos da fantasia junto com a realidade, para interagir com o público feminino. As revistas femininas utilizam a propaganda de produtos de beleza como maquiagem, shampoo etc., como um método para resolver os problemas das mulheres de forma simples. O discurso *Cosmo* se configura como um mundo paralelo da realidade e insere a mulher em um determinado padrão a ser seguido. É interessante observar que, no padrão imposto, há uma estratégia capitalista por parte dessas revistas, uma vez que incentiva o consumo, e dessa forma legitima um padrão, pois usam de estratégias intimistas de modo a aproximar o leitor e passar a ilusão de que esse leitor é único, por mais que siga um padrão instituído. Trata-se de um apelo utilizado por essas mídias para parecer estabelecer uma relação íntima com o público alvo, por mais que o uso de escolhas lexicais e as narrativas sejam um instrumento para estabelecer uma afinidade e proximidade com o público.

É possível problematizar que as generalizações que essas revistas fazem ocorrem por visar um padrão de público leitor, no qual, as leitoras podem ser em sua grande maioria, mulheres de classe médias, que possuem um padrão aquisitivo que lhes permite aspirar problemas em comum. No entanto, ao inserir nas revistas um padrão de comportamento e problemas partilhados, essas revistas tendem a apaziguar os problemas que mulheres ainda sofrem na sociedade, e induz que esses problemas são fáceis de serem solucionados, porém sabe-se que mesmo em uma condição socioeconômica privilegiada a mulher precisa lidar com situações como a maternidade, trabalho, casamento, etc. que, muitas vezes, culpabilizam-na como se fosse a única responsável por determinadas situações de conflito.

2.2 OS ESTUDOS FEMINISTAS NA HISTÓRIA²

Segundo Joan Scott (1992, p. 64) traçar um estudo teórico sobre a história das mulheres não é uma tarefa fácil, uma vez que “A conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa”. O que a autora argumenta é que a historiografia foi composta em sua grande maioria por homens brancos, deixando de fora os negros, mulheres e outras minorias. De acordo com Scott (1992, p.64), a narrativa das mulheres ganha um campo de estudo na década de 1960, momento em que “as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação”.

Os estereótipos acerca do que é ser mulher são de longa data, no entanto, nesta seção será discutida a partir do Iluminismo no século XVIII, na França. A perspectiva feita a partir do Iluminismo é interessante, pois nesse novo contexto histórico a razão passar a ser algo predominante, assim como a noção de liberdade individual, no entanto, ao contrário do que se pressupõem esses novos conceitos individuais excluíram uma grande parte da população que não era considerada inferior especialmente nos assuntos políticos.

O Iluminismo foi um movimento de ideias que teve origem no século XVII, mas que culminou no século XVIII, esse período é caracterizado por ter se desvinculado dos preceitos vigente até a Idade Média. A razão e autonomia foram o ponto alto desse movimento em que o princípio de direito universal foi propagado. No entanto, os filósofos iluministas reproduziram a concepção de que só homens eram considerados seres dotados de razão e raciocínio lógico, já as mulheres foram caracterizadas por serem somente emotivas e imaginativas, portanto deveriam ser fiéis e obedientes ao marido, ou seja, mesmo no século da luz e razão as mulheres foram postas como seres inferiores.

Para Amâncio (1998), para os filósofos iluministas a concepção de que a

² Vale destacar que, nesta seção, são apontados aspectos históricos importantes sobre as lutas das mulheres no que respeitam às lutas nos espaços sociais públicos. No entanto, a discussão não detalha as especificidades dos estudos feministas do ponto de vista de suas diferentes pautas. Isso porque há inúmeras vertentes nos estudos feministas e de gênero social em virtude das diferenças nos problemas que enfrentam as mulheres em contextos sociais e culturais distintos como, por exemplo, o feminismo da mulher negra em países periféricos em muito se distancia do feminismo sobre a mulher branca e europeia.

mulher não tinha razão foi vigente mesmo após a ciência moderna. De acordo com a autora, a “inferioridade sexual e intelectual da mulher, do seu papel natural na reprodução da espécie e no cuidado dos filhos decorre naturalmente uma definição de função e de papel (...) a mulher é essencialmente esposa e mãe” (AMÂNCIO, 1998, p.388) A figura da mulher foi historicamente centrada no papel de esposa e mãe, longe da esfera pública.

Segundo Michelle Perrot (2005), a história por muito tempo ignorou e apagou o papel que a mulher teve nas transformações políticas e sociais no mundo “este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento” (PERROT, 2005, p. 9). Esse silêncio imposto às mulheres vai desde a esfera pública até o meio privado como as casas, no qual a mulher tinha o papel de matriarca da família. Para a autora, a história das mulheres é muito mais imaginada do que de fato contada. Isso porque o trabalho da mulher, muitas vezes, estava relacionado somente ao serviço doméstico, a história sempre tratou de esquecer outras contribuições das mulheres e atribuem o mérito todo ao homem por ser o “chefe da casa”.

É na Revolução Francesa (1789 - 1799) que a luta feminista reivindica os direitos das mulheres. Nesse momento histórico, a mulher era a maioria na França, portanto foi encorajada pela burguesia a votar e lutar pelos direitos. Contudo, quando encerra esse período as mulheres novamente são colocadas no papel de coadjuvante dos assuntos políticos. Segundo Andrea Nye (1995, p.22), a Revolução Francesa não possibilitou à mulher que sua condição secundária fosse resolvida, pois o pensamento que vigorava era o da mulher como representante do lar, a de esposa responsável

As reformas democráticas da Revolução Francesa foram originalmente teorizadas como só beneficiando as mulheres indiretamente: as mulheres são dependentes dos homens, logo, as mulheres estarão em melhor situação porque os homens estarão em melhor situação.

Em 1791, Olympe de Gouges propaga a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, decretando que as mulheres deveriam ter os mesmos

direitos que os homens, no entanto o ideal de Igualdade, Liberdade e Fraternidade ficou reduzido apenas aos homens. Todavia, a proposta de igualdade política escrita por Gouges foi recusada sendo executada em 3 de novembro de 1793, por ser acusada de querer ser um homem de Estado. (NYE, 1995).

Para Nye (1995) segundo momento que caracteriza a luta por direitos entre os sexos acontece no início da Revolução Industrial. Nessa época, as operárias trabalhavam entre 14 e 18 horas seguidas e ganhavam menos que os homens. É nesse contexto de exploração e desigualdade que as mulheres se organizam para lutar por direitos trabalhistas, surgem então as Sufragistas. Nesse contexto, Mary Wollstonecraft e Stuart Mill foram uma das representantes responsáveis pelo fortalecimento do pensamento feminista. Segundo Nye (1995), Wollstonecraft em seu livro *Vindication of the rights of women* recomenda que as mulheres tenham uma educação igual à recebida pelos homens para que assim fossem garantidos seus direitos, ou seja, as mulheres “Devem ler filosofia, lógica e matemática. Devem ser estimuladas à ginástica; qualquer fragilidade física que tenham deve ser superada e não agravada.” (NYE, 1995, p.26). O movimento Sufragista lutava pelo direito ao voto, já que a mulher também trabalhava fora, mas não tinha o direito democrático de votar. Esse momento de efervescência da revolução industrial é considerado o estopim do movimento feminista, quando as primeiras ativistas se organizaram contra as injustiças que vinham sofrendo. (NYE, 1995).

Ainda de acordo com Nye (1995) o século XX é o período que marca de fato as ações políticas que caracteriza o movimento feminista. Após a Segunda Guerra Mundial as mulheres se organizam e lutam pela emancipação do próprio corpo, como o direito a escolha da maternidade, direito ao aborto e uso de contraceptivos como a pílula anticoncepcional, além de reivindicar igualdade salarial. Essas ações e discursos ligados às lutas de liberdade feminina marcam o período de 1960 nos Estados Unidos, estimulado pelo movimento dos Direitos Civis e juntamente com diversas reivindicações no ocidente.

Segundo Scott (1992. p. 68), “o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência,

criando igualdade e ganhando um controle sobre os seus corpos e sobre suas vidas”. Dessa forma, as correntes feministas vêm sendo ampliadas por igualdade legal e social para as mulheres até os dias atuais.

De acordo com Scott (1992), nos anos 1960 as universidades começaram a estimular as mulheres por meio de bolsas de estudo a obterem PhDs, com o objetivo de minimizar as desigualdades existentes. A autora argumenta que essa proposta serviu para que muitos autores na época, que esse seria um meio de extinguir os obstáculos vividos pelas mulheres. No entanto, conforme menciona Scott (1992, p. 69), “as feministas na academia declaravam que os preconceitos contra as mulheres não haviam desaparecido, ainda que elas tivessem credenciais acadêmicas ou profissionais, e se organizaram para exigir uma totalidade de direitos, aos quais suas qualificações presumivelmente lhes davam direito.”. É nesse contexto, que surge uma nova identidade coletiva das mulheres que se uniram para compartilhar a discriminação baseada na diferença sexual vivida no meio acadêmico.

Apesar das concepções patriarcais sobre a mulher, as mulheres tiveram sim uma importância para a constituição da historiografia, já que indo na contramão das imposições sociais, muitas mulheres mesmo estando completamente à margem se propuseram a estar no meio político, científico, etc., rompendo com os padrões sob o qual estavam incluídas.

Após esse breve resumo do percurso do movimento feminista, a próxima seção apresenta uma fundamentação sobre discurso e enunciado.

2.2.1 Linguagem, discurso, enunciado e valoração

De acordo com Volochínov (2013), o surgimento da linguagem está relacionado à necessidade de comunicação que estava ligada à organização da vida econômica, como o trabalho e a produção. Nesse contexto, a linguagem representa o início do pensamento social e o fortalecimento do trabalho coletivo. Segundo o autor, a linguagem permitiu a tomada de consciência do ser passando para uma língua ideológica, uma vez que a língua é um produto vivo, maleável que se desenvolve em conjunto com a sociedade. A palavra é ideológica e no cotidiano cada ato ou ação consciente possui

algum significado. Desse modo, surgem os sistemas ideológicos como a ciência, arte, filosofia e as teorias políticas. Para o autor, “a essência efetiva da linguagem está representada pelo fator social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 158).

Da mesma forma, Bakhtin (2006, p.128) explica que o discurso está impregnado de ideologia “ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” E toda cadeia discursiva possui elementos extralinguísticos que constroem sentido na enunciação, portanto, a situação em que um enunciado ocorre é importante para a compreensão do diálogo, uma vez que sua formação não se dá apenas por meio da comunicação verbal, as ações do indivíduo como um gesto corroboram para a constituição dos enunciados. Para o autor, a realização da enunciação depende da situação e auditório, ou seja, é por meio desses dois componentes que o discurso interior se materializa no exterior, são elementos extraverbais que influenciam o discurso.

O significado do discurso é construído por meio da situação de interação em que ocorre a materialização do enunciado, sendo que a língua está em constante mudança e corrobora para a formação do heterodiscurso no qual a enunciação se realiza. Dessa forma, na perspectiva bakhtiniana (2015), a enunciação ocorre no “heterodiscurso dialogizado” que contribui para a formação do enunciado. Nessa linha de pensamento, Bakhtin (2015, p.51), aponta que “A orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso”, ou seja, a interação viva ocorre por meio do discurso do outro, é a palavra do outro que determina a orientação dialógica. Sem o outro não há interação, e para que a interação seja efetiva, é necessária que haja compreensão. Esse elemento não precisa ser feito somente pela comunicação verbal, já que a interação ocorre com um simples aceno de cabeça ou algum gesto para se comunicar. De acordo com as ideias de Volochínov (2013) a interação verbal se desenvolve por meio do intercâmbio de enunciações, que é o diálogo.

Em relação à dialogicidade, o diálogo pressupõe uma resposta e a interação é constituída por meio do discurso do outro. De acordo com Bakhtin (2015, p.52) “Todo discurso está voltado para uma resposta e não pode evitar a

influência profunda do discurso responsivo antecipável.” Na enunciação, o indivíduo já antecipa uma futura resposta, nesse contexto o discurso se constrói pelo o que já foi dito e faz uma previsão do que ainda não foi dito, essa antecipação que é recorrente no discurso responsivo é parte do diálogo vivo em contexto de interação, por isso o discurso não é neutro já que sofre alterações a todo o momento condizente com a situação e o auditório no qual está exposto. Nesse sentido, o auditório é um elemento importante, uma vez que para a produção da enunciação as revistas e jornais visam primeiramente o seu leitor, ou seja, o público no qual é direcionado.

Bakhtin (2006, p.127) elucida que a substância da língua é formada através da interação verbal, que é realizada pela enunciação “A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. Dessa forma, o diálogo é responsável pela interação verbal. Considerando que todo discurso é dialógico, na medida em que é dirigida a outra pessoa, subentende-se que há uma relação sócio-hierárquica entre os interlocutores. Volochínov (2013) atribui essa relação de orientação-social do enunciado e que estará presente na enunciação, seja verbal ou gestual. Essa orientação-social mantém as organizações que constitui a estrutura puramente gramatical da enunciação.

Para compreender o significado e conteúdo de um enunciado, o falante precisa ter conhecimento do contexto e condição em que foi pronunciado, sem isso o enunciado perde o sentido. Entender como constitui o enunciado, é preciso ter em mente a definição de discurso na perspectiva dos estudos da linguagem. Volochínov (2013) aponta que o discurso só existe na forma de enunciações concretas, não é possível desvincular o discurso do falante ao acontecimento, do ambiente em que está inserido e dos valores sociais que regem a língua de determinada cultura.

Conforme aponta Bakhtin, todos os elementos que compõem o enunciado são determinados pela individualidade de um campo da comunicação. Isso por que.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN 2003, p. 261).

Os enunciados sejam eles orais ou escritos têm um princípio único, já que a cada vez que for proferido pelo falante será em um contexto diferente, a reprodução nunca será a mesma. Ainda, de acordo com Bakhtin (2015, p. 52), “O discurso surge no diálogo como sua réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto. A concepção do objeto pelo discurso é dialógica”.

Contudo, não é somente no objeto que a orientação dialógica ocorre, o discurso está também voltado para a resposta. Todo discurso falado pressupõe uma resposta do interlocutor. De acordo com os estudos do Círculo, a interpretação da resposta do interlocutor é essencial para a formação do discurso. É na resposta do outro, que o falante irá condicionar o seu discurso, “O falante procura orientar a sua palavra - e o horizonte que a determina - no horizonte do outro que a interpreta, e entra em relações dialógicas com elementos deste horizonte” (BAKHTIN, 2015, p. 55).

Como dito antes, na perspectiva bakhtiniana, a língua não é neutra, pois no discurso do falante há outros discursos como o religioso, científico, familiar, etc., que determinam a fala do interlocutor. “A língua não é um meio neutro, não é *res nullius*, que passa fácil e livremente à propriedade intencional do falante: ela é repovoada por intenções alheias” (BAKHTIN, 2015 p. 70).

Volochínov (2013) aponta que para a enunciação ser de fato compreendida é preciso antes saber qual o contexto, sem o conhecimento desse aspecto que determina o campo visual do sujeito, a enunciação torna-se vazia de sentido. Nessa perspectiva, a situação de interação é um fator determinante para a produção da enunciação.

A seção a seguir é apresentada a metodologia utilizada no trabalho.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem caráter qualitativo e interpretativo, tendo em vista que se trata de análise dos discursos sobre a mulher no jornalismo *online*. Essa metodologia atribui uma importância ao discurso e significado proferido pelo interlocutor. De acordo com Minayo, a pesquisa qualitativa “(...) trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1992, p.21-22).

A autora apresenta alguns elementos que antecedem a análise de dados, como a “fase exploratória”. Entende-se por fase exploratória a trajetória da investigação, como a escolha do objeto a ser analisada, delimitação do problema. Quando temos o recorte do objeto de pesquisa significa que essa fase já está terminada, o próximo passo é a construção do projeto de pesquisa. Segundo Minayo (1992), são três dimensões para a construção do projeto que estão intimamente ligadas uma à outra, como a dimensão técnica que diz respeito às regras científicas, e a dimensão ideológica que são as escolhas que o pesquisador utiliza em seu trabalho, sendo de cunho ideológico.

Com base nos estudos Minayo (1992), Romeu Gomes³ descreve as três fases para uma análise eficiente. O primeiro tem relação com a ilusão no momento da análise, por estar familiarizado com os dados, o pesquisador tende a achar que os resultados obtidos serão nítidos logo de início. O segundo aspecto é referente ao envolvimento do pesquisador com as técnicas de análise, podendo até mesmo esquecer os significados dos dados, e por último diz respeito à conclusão dos dados analisados, pois pode ocorrer de o pesquisador ter alguma dificuldade em relacionar a fundamentação teórica com os dados concretos e assim dificultar a conclusão final da pesquisa.

Um dos procedimentos para uma análise qualitativa é a denominação das categorias antes da realização do trabalho, e estabelecer os conceitos gerais e específicos. Considerando essas categorias propostas pela autora, nesse trabalho foram inicialmente inseridas (46) quarenta e seis comentários

³ Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 28/11/2017

de três notícias *online*, e após a análise desses comentários ficou evidente que muitos não apresentavam as respostas pretendidas para a pesquisa, ou seja, muitos fugiam da temática sobre a violência contra a mulher e apresentavam o discurso de ódio. Por fim, no terceiro princípio de classificação somente os comentários que suscitaram discussões sobre a mulher foram selecionados e incluídos na análise.

No entanto, o conjunto de categorias segue três princípios básicos para a elaboração da pesquisa, sendo que o primeiro critério diz respeito ao conjunto de categorias que são elaborados por um princípio de classificação, já o segundo menciona que uma categoria deve permitir a inclusão de qualquer resposta nessas categorias, e a última categoria tem relação com exclusividade já que as respostas não podem ser incluídas em mais de uma categoria. Essa formulação de categorias é essencial para aprofundar a base teórica da pesquisa.

Para tanto, como dito antes, a presente análise tem como base os estudos do Círculo de Bakhtin e seus contemporâneos para análise e interpretação dos dados.

3.1 DESCRIÇÕES DOS JORNAIS *ONLINE*

O crescimento da internet possibilitou a progressão da comunicação e além de uma interação global, e vem acelerando cada vez mais, além de permitir que a comunicação digital também avance. A rapidez com que a internet trouxe para os meios de comunicação afetou diretamente a cultura mundial, em se tratando dos jornais impressos, é devido a globalização que ocorre de maneira imediata e instantânea que os portais de notícia vêm ganhando cada vez mais força. (SOUSA, 2008).

É por meio do advento da internet que surge a comunicação digital, e isso não significa que o jornal impresso tenha se extinguido ou que já esteja fadado a isso, o que ocorre é que conforme surgem novos meios de comunicação um tende a sobrepor o outro, sem que isso caracterize de fato a sua extinção. No entanto, o impacto que esse novo meio de comunicação teve na vida das pessoas é cada vez mais perceptível. Nesse sentido, a

comunicação digital serviu para que a interação seja possível em diferentes contextos e culturas. Segundo Sousa (2008), essa comunicação digital “é caracterizada pela atualização, customização de conteúdo, hipertextualidade, interatividade, memória e multimodalidade.”.

Sousa (2008), apoiada na leitura de autores como Castells, Costa e Ferrari, apresenta algumas características específicas da comunicação digital, como a atualização que é constante e instantânea, customização de conteúdo, pois há a possibilidade de o usuário receber o conteúdo por *e-mail*. A interação também é uma característica da comunicação digital. No entanto, a memória também é característica desse meio digital, pois permite que o leitor recupere uma notícia que já foi publicada, e por último a multimodalidade, que permite inserir diversos elementos linguísticos em uma mesma matéria. A instantaneidade é uma característica inerente ao jornalismo digital, e permite ao usuário uma gama de conteúdo, “O Jornalismo digital é a produção e veiculação de conteúdos jornalísticos em formato digital” (SOUSA, 2008).

Os jornais selecionados para a elaboração desse trabalho são o *G1* e *Gazeta do Povo*. O primeiro jornal analisado é o portal de notícias G1 (www.g1.com.br) criado pelo grupo de comunicação Rede Globo em 12 de dezembro de 2006. Já o jornal *Gazeta do Povo* é o mais antigo no estado do Paraná, fundado em 3 de fevereiro de 1919 por Oscar Joseph de Plácido e Silva, e Benjamin Lins. O jornal pertence ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM).

A motivação por escolher esses jornais ocorreu por apresentarem atualizações constantes em suas páginas e um número expressivo de leitores, além de um espaço gratuito. Por serem jornais de grande circulação, a repercussão em torno da notícia é superior em comparação com outros jornais independentes. Devido a essa maior circulação, a reação dos leitores ocorre com mais rapidez especialmente no espaço para comentários, em que a reação-resposta é crescente.

Para a análise inicial, foram delimitadas três notícias sobre o tema violência de gênero com vistas a investigar como a mulher é discursivizada nas notícias e qual a reação dos leitores referente ao tema, nos comentários. Assim, será realizada uma análise dos discursos que emergem sobre a mulher,

tanto nas notícias como também nas reações-respostas dos leitores no tocante aos casos de violências contra a mulher.

3.2 DESCRIÇÕES DOS JORNAIS

O critério inicial de seleção se deu a partir de eventos que relatam situações de violência de gênero, além da reação dos leitores em relação ao que o jornal publicou. Tendo como contexto de análise os discursos a respeito da violência contra a mulher, foram selecionados 19 (dezenove) de 46 (quarenta e seis) enunciados do gênero comentário *online* sobre três de cinco notícias publicadas entre agosto de 2015 e março de 2017, no portal de notícias G1 e o jornal Gazeta do Povo.

A tabela a seguir apresenta o título das notícias e seus respectivos comentários.

N 1 G1 "Eu achei que iria morrer mesmo"	N 2 G1 "Mulher é estuprada ao sair para procurar emprego"	N3 <i>Gazeta do Povo</i> "Em dois meses 17 mulheres foram vítimas de feminicídio no Paraná"
C1: Leis feministas e misândrica, um Poder judiciário que trata todo homem como bandido e toda mulher como santa, leva um homem ao ato desesperado a querer fazer justiça com as próprias mãos.	C11: Agora toda mulher que gritar que foi estuprada é verdade absoluta? Precisa se investigar antes...Mas que é estranho é... Se eu sou estuprado a primeira coisa que faria seria gritar e denunciar o meliante e não pegar o busão com ele...	C1:Feminicídio... será que se forem levantar os dados de homens assassinatos TODO SANTO dia poderia ser criado também Masculinício?
C2: Ah sim! Do mesmo modo que saia curta leva ao estupro kkkk	C12: verdade, vide comentário acima, só quem passa por isso sabe... homem dizer "se eu sou estuprado eu faria isso, blablabla" aaaah pelo amor né, falta muita empatia no povo hoje em dia	C 2:Homens assassinados por mulheres? Mulheres ciumentas, possessivas? Mulheres que espancam seus parceiros qdo chegam bebadas em casa? Mulheres que agridem pq o jantar não tava pronto? Mulheres que levam um fora na noite? Me poupe, estamos falando da violência do homem sobre a mulher!!!!
C1: O que leva ao estupro é o estuprador	C 11: Empatia? Leu a notícia? Daqui a pouco vão aparecer fulanas dizendo que estuprada e após o estuprador pagou o táxi de volta para casa... aaah feminazis ficam locas quando confrontadas..mas é verdade!	C 1:Ué, mas homem que apanha de mulher não é frouxo, como as próprias mulheres dizem? Antes que venha chorar aqui, não defendo de forma alguma a violência contra a mulher. Apenas sou um combatente dessa demagogia falaciosa. Segundo o seu raciocínio, toda mulher é desprovida de violência e ataque de histeria. Nossaaa, claro. São todas de bem e paz no coração

<p>C7: Um louco descontrolado que bate e ameaça de morte mulheres, mas as leis que são feministas e estão erradas...</p>	<p>C 12: Pelo visto sempre encontram uma vírgula para responsabilizar quem não tem culpa. Eu acho que deveríamos acreditar e sem julgamentos até a polícia concluir as investigações. Se a pessoa mentiu em alguma situação, não perderemos nada</p>	<p>C3: Pq quando homem mata outro homem, é problema nosso, não da segurança pública. Ninguém mandou nascer homem, agora aguenta como homem e pare de reclamar como uma mulherzinha.</p> <p>Não, péra...</p>
<p>C1: Boa sorte. Eu sei o quanto é duro ser tratado como cidadão de segunda classe somente por ter nascido com pinto ao invés de vagina.</p>		<p>C 1: Exato! Exato! Estado Baba é para as "minorias" vítimas dos abusos históricos ahahahahaha</p>
		<p>C 4: A questão é o contexto da matéria! Ninguém merece ser vítima de violência. Nesse caso, é a violência absurda contra mulheres, praticada por homens. Não há que se existir guerra de sexos, porém, é preciso que a sociedade abra os olhos, e pare de achar que as mulheres não são vítimas, pq são sim. E qdo o machismo mata é preciso tratar do assunto com responsabilidade. E até hj não vi nenhuma matéria com o título: Noivo é assassinado pela histeria da companheira...</p>
		<p>C1:Tá bom pra vc? "Homens são brutais e violentos" "Mulher mata marido com facão em Ivaté"</p>
		<p>C4:Não, não tá bom pra mim. Não quero que morram mais homens que mulheres. Disputa ridícula. Se vc procurar saber, de vdd, de qtas mulheres são violentadas, física, verbal, psicologicamente, vc vai ver que é preciso a sociedade ser reeducada, pra que o machismo pare de matar. Porém, já vi que vc ta parecendo se enquadrar no lado dos machões... O que é um direito seu. Mas assim, só repetindo, a resposta ao comentário foi baseada na matéria, e não na pauta da violência absurda que toma conta de toda a sociedade.</p>
		<p>Leitor 1: Não precisa disso, moçX. Se a pessoa for mal educada, ela será sendo homem ou mulher. Ir chorar pro estado Baba coisas do tipo "assédio verbal" "fiu fiu" e afins só faz aumentar essa rivalidade da qual vcs em sua maioria alimentam</p>
		<p>C4:Ah, vc leu a matéria? Leu como ela se incia? " A mulher contou também, segundo a polícia, que o marido segurava um facão durante a discussão."</p>
		<p>C5: Discutir com machista, é guerra sem fim. Nojo.</p>

* Tabela 1 - Notícias acerca da violência contra a mulher e comentários-respostas

A primeira notícia (N1) foi publicada em 30 de março de 2017, cujo título da matéria *“Eu achei que iria morrer mesmo”*, relata a história da juíza da Vara da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher que foi violentada no ano de 2016. São analisados cinco comentários postados em resposta a essa notícia. A segunda notícia (N2) *“Mulher é estuprada ao sair para procurar emprego”*, publicada em 13 de abril de 2017, relata o caso de uma mulher de 29 anos que saiu de casa para procurar emprego e foi violentada no caminho. A partir dessa notícia são analisados quatro comentários. A terceira notícia, publicada no dia 25 de agosto de 2015, intitula-se: *“Em dois meses 17 mulheres foram vítimas de feminicídio no Paraná”*. São analisados onze comentários.

4 ANÁLISE

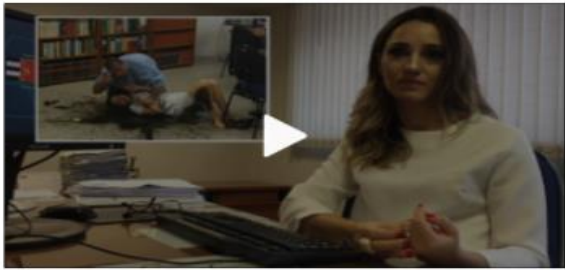
Esta seção é dedicada à análise e discussão dos resultados do estudo. Inicialmente será abordado o conceito do gênero notícia e a seguir sobre comentário *online*, e as interações interlocutivas no *Facebook* para melhor compreender a análise dos comentários a partir das notícias. Por fim, será apresentada a análise das notícias e a discussão sobre a reação/resposta acerca da violência contra a mulher.

4.1 GÊNERO NOTÍCIA

Juíza atacada há 1 ano em fórum de SP diz que perdoa o agressor: 'Tenho medo dele'

Tatiane Moreira Lima falou com exclusividade ao G1 sobre vendedor que tentou queimá-la no Fórum do Butantã. Alfredo José dos Santos, que mandou filmar o próprio crime, está preso à espera de julgamento.

Por Kleber Tomaz, G1 São Paulo
30/03/2017 05h30 - Atualizado 30/03/2017 12h46



■ VÍDEO: Em entrevista ao G1, juíza de SP diz que perdoa agressor que ameaçou incendiá-la

“Eu não tenho raiva, não tenho mágoa, não tenho rancor. Eu perdoei, com certeza”, declarou ao G1 a juíza Tatiane Moreira Lima, de 38 anos, sobre o homem que há exatamente um ano invadiu o fórum onde ela trabalha no Butantã, Zona Oeste de São Paulo, a manteve refém por meia hora e ainda tentou queimá-la.

O agressor foi o vendedor Alfredo José dos Santos, de 37 anos. Ele está preso desde então em Tremembé, interior do estado, à espera do seu julgamento. A juíza, no entanto, disse que não se sente segura se Alfredo vir a ser solto e tentar matá-la mais uma vez. “Eu tenho medo dele... Não de ele ser solto, mas de ele novamente tentar contra a minha vida”, contou.

Casada, com filhos e juíza da Vara da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, ela concedeu entrevista à equipe de reportagem no mesmo gabinete onde ocorreu o crime. Tatiane ainda se lembra do ataque sofrido em 30 de março de 2016, mas o usou em seu

e ficou por dentro de todos os detalhes da marca

Figura 1 N1 Portal G1 trecho da matéria ⁴

Tendo em vista que fazem parte dos dados textos do gênero notícia, nesta seção é apresentada uma descrição das regularidades desse gênero. Na perspectiva bakhtiniana, os gêneros do discurso estão produzidos em diversas esferas da sociedade, além de ter um caráter que lhe é próprio de cada gênero.

⁴ Para melhor contextualizar há algumas figuras das notícias analisadas. Por exemplo: N1 corresponde a notícia 1.

Há gêneros que circulam em esferas mais formais, e que, portanto, o estilo não se altera fazendo com que haja pouca expressão de individualidade de quem a reproduz. “Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo” (BAKHTIN, 2003. p. 267). No entanto, essa heterogeneidade pode tornar-se vazia, levando em consideração que o gênero do discurso não foi estudado da mesma forma que o gênero literário, a linguística do enunciado não era considerada importante.

Bakhtin (2003), atenta para os gêneros discursivos primários e secundários. Os gêneros secundários do discurso são os que aparecem em situações mais complexas como os romances, dramas, pesquisas científicas, e os gêneros que estão inseridos na área da publicidade ou na esfera jornalística. Os gêneros primários estão inseridos na comunicação cotidiana, está ligado ao diálogo oral. (BAKHTIN, 2003).

De acordo com Lage, o que difere a notícia de outros gêneros está diretamente ligado à forma como é escrita, pois no momento em que é redigida a notícia captura o que é mais importante. “A notícia pode comover, motivar revolta ou conformismo, agredir ou gratificar alguns de seus consumidores” (LAGE, 1987, p. 25). Este é um problema relacionado ao uso do poder de quem prescreve o que será publicado ou não. O gênero notícia é uma construção retórica, na medida em que se refere às aparências do mundo, o olhar subjetivo tem de ficar de fora, opinião e achismo não podem ser abordada nas notícias. No gênero notícia há uma preocupação com a verdade do que será relatado e o objetivo de se relatar determinado fato, esses são elementos que servem para colaborar com o discurso presente nas notícias.

De acordo com Acosta Pereira (2008), há um critério de noticiabilidade que está ligado ao fato de que não há espaço nos veículos de informação para a publicação de determinados acontecimentos, como há o exemplo da figura (1). Logo, os critérios da publicação de uma notícia são os fatores de relevância que vão desde a origem até os tratamentos do fato ocorrido. Pautado na teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso, o autor tece algumas considerações a respeito do enunciado e das condições para o processo sociodiscursivo da notícia.

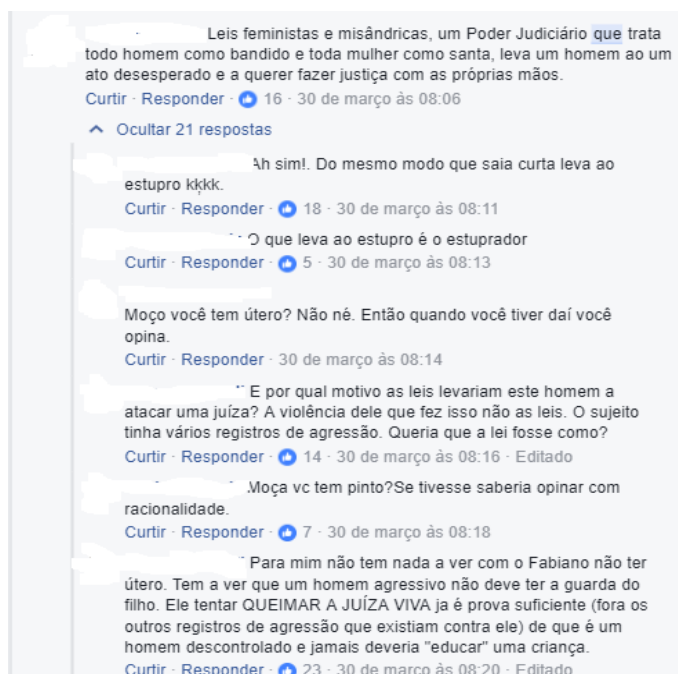


Figura 3 N1 Interações interlocutivas no comentário do *Facebook*

A plataforma destinada ao comentário é um espaço que possibilita ao leitor expor sua opinião sobre determinado assunto, como mostra a figura 3 da N1 em que há interação entre os interlocutores. É nos comentários que podemos encontrar desabafo, indignação, elogio ou alguma crítica. Contudo, o processo de interação nos comentários *online* também ocorre por intermédio de outros comentários, não precisa estar diretamente ligado ao fato noticiado. De acordo com Alves Filho e Santos (2012, p.158) “O autor do comentário *online* pode partir de diferentes orientações valorativas diante do discurso que dá origem a sua fala.” Nesse contexto, o leitor pode fazer comentários referente a outras perspectivas, expandindo a sua apreciação valorativa. (ALVES FILHO; SANTOS, 2012, p. 158)

De acordo com Alves Filho e Santos (2013, p.83), o comentário *online* “atende à necessidade social de manifestação pública na esfera jornalística”, na medida em que a mídia jornalística instiga os leitores a manifestar as opiniões pessoais no espaço de comentário. No entanto, o comentário *online* pode surgir em resposta a outros comentários e claro, ao acontecimento que foi noticiado, podendo remeter ou não a notícia que foi veiculada, na sequência dos comentários os interlocutores podem também mudar do assunto principal da notícia, e iniciar outro assunto. Para os autores, há uma relação dialógica

dos enunciados por meio dos elementos que o constituem como a “Alternância dos sujeitos, conclusibilidade e valoração apreciativa”. (ALVES FILHO; SANTOS, 2013, p.83).

Segundo Alves Filho e Santos (2013), a notícia mantém uma relação dialógica, uma vez que muitos leitores tecem comentários sobre a notícia ou em resposta, mas que mantém uma relação com o que foi publicado. Levando em conta que todo enunciado está relacionado com outros enunciados, na medida em que o discurso perpassa por outras vozes, o gênero comentário *online* é constituído por enunciações valorativas.

O processo de interação é determinante para a forma do gênero comentário *online*, pois precisa ter contexto para atribuir um sentido, já que um comentário não é escrito isolado sem referência, há sempre outras vozes. Sendo assim, os comentários são construídos por meio de diferentes valorações que orientam a fala do interlocutor (ALVES FILHO; SANTOS, 2012).

Contudo, esse gênero se materializa em redes sociais e portais de notícia, o que corrobora para a abertura de um espaço de interação com leitor/interlocutor, onde o leitor pode inserir a sua contrapalavra. Por meio dessa possibilidade de ter a contrapalavra, nesse processo de interação é possível que o leitor exponha a sua opinião, desabafo ou argumentos contrários ao que foi publicado. (REMENCHE; ROHLING, 2016). Remenche e Rohling ressaltam que os comentários não necessitam de uma progressão cronológica, uma vez que o leitor pode a qualquer momento comentar o que foi publicado ou tecer comentários já ditos.

Nesse sentido, é por meio do ponto de vista dos leitores que serão analisados o processo de interação nas notícias, na medida em que um comentário gera outras respostas.

4.2.1 A interação interlocutiva no *Facebook*

O *Facebook* se tornou o mais popular site de rede social, além de conter um amplo recurso que possibilita ao usuário interagir de diversas formas. O recurso disponível para comentário representa a diversidade de interação entre os usuários, pois a possibilidade de comentar permite ao usuário responder, questionar, elogiar, criticar, etc., ou apenas curtir o que está sendo publicado

por um determinado usuário ou uma página no *Facebook*. Para Barton e Lee (2015, p.112) “Escrever *online* é afirmar a existência na escrita”. Toda vez que o usuário comenta em um *post*, está criando uma narrativa de quem é, e como quer que as pessoas o vejam, ou seja, a construção de sua identidade é feita a partir do outro.

Tendo em vista o crescente aumento dos usuários nessa rede social, muitas empresas criaram uma *Fanpage* para poder interagir com os usuários e promover seus produtos. Nesse contexto, os jornais empresariais e independentes também adotaram o *Facebook* como forma de aumentar a visibilidade de suas notícias, já que a maioria das pessoas usa as redes sociais para se comunicar e manter-se informado sobre o que acontece no ambiente nacional e internacional, de uma forma rápida e, de certa forma, mais democrática.

Para Barton e Lee (2015), o *Facebook* oferece ao usuário uma gama de oportunidade para poder expressar a opinião e atitudes frente ao que está sendo publicado. De acordo com os autores, essas novas mídias digitais como o *Facebook* “servem como novos domínios em muitos temas, juntamente com os modos tradicionais de comunicação, como a conversa face a face e textos escritos”. O espaço para o comentário possibilita que as pessoas articulem “suas opiniões, sentimentos ou atitudes em relação a algo ou alguém”. Nesse contexto, o posicionamento do interlocutor é um ato discursivo na interação *online*, pois se refere à postura da pessoa em relação ao que é dito e de si mesmo. Conforme cita Barton e Lee (2015, p. 119), “A postura é marcada por formas particulares de linguagem, mas também por outros recursos para a construção de significado”. Para os autores, há três formas que compõem a construção de sentido da postura do usuário em um comentário, como a pessoa que expressa à postura, o tema discutido e os recursos utilizados.

Há nos comentários do *Facebook* um interlocutor que comenta sobre determinado assunto, e outro usuário pode responder o comentário concordando ou não com o posicionamento alheio. Contudo, os comentários podem se referir ao conteúdo que foi publicado, mas em algum momento os usuários podem mudar o tema e iniciar uma nova discussão (BARTON e LEE, 2015). É neste contexto que ocorre o diálogo no ambiente virtual, pois a partir

do momento que uma notícia é publicada o usuário pode se posicionar e há a possibilidade de receber uma resposta. O posicionamento do usuário tem relação direta com o processo interativo, uma vez que quem se posiciona está interagindo com outro usuário, ao comentar há espaço para que outras pessoas venham e responda a pessoa, deve considerar também “a relação dinâmica entre quem assume postura em relação ao qual uma postura é expressa”. (BARTON; LEE, 2015, p. 122).

4.2.2 A mulher na ótica das notícias

De acordo com Barton e Lee (2015), a postura exprime uma ideia que vai além do recurso linguístico para se posicionar nas novas mídias digitais, e o comentário é um elemento que intensifica essa tomada de postura. Dessa forma, os jornais *online* podem fazer uso de outros recursos para noticiar determinado evento, como por exemplo, o uso de imagens, *emoticon* ou legendas.

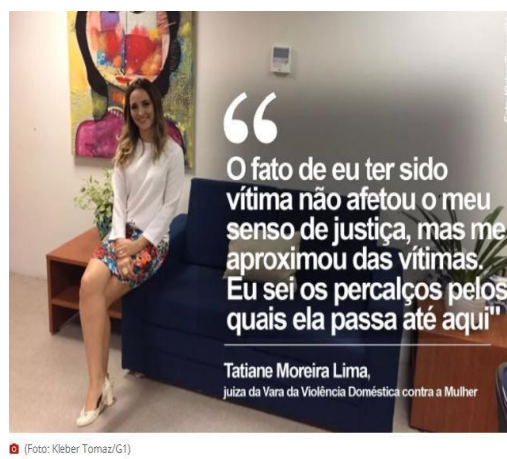


Figura 4 N1 Entrevista ao G1

A primeira notícia analisada (N1), por sua vez, relata o caso de violência sofrida em ambiente de trabalho, publicada em 30 de março de 2017, diz que “Eu achei que iria mesmo morrer”. Nessa notícia, há o relato de uma mulher que sofreu violência em seu ambiente de trabalho. O agressor é um homem de 37 anos, que já era réu em outro processo por ser acusado de violência contra a ex-mulher. O contexto dessa matéria se diferencia de outras que são

corriqueiras, pois a violência que a vítima sofreu foi em seu ambiente de trabalho, e se trata de uma juíza da Vara da Violência Doméstica contra a Mulher. Em outras palavras, é uma pessoa altamente escolarizada que estava habituada a lidar com situações de violência de gênero. Esse detalhamento da situação é relevante para a análise tendo em vista que há uma concepção de que atos de violência ocorrem somente e com frequência em situações em que a vítima se encontra em estado de vulnerabilidade social.

Há uma foto da vítima na notícia publicada pelo *Facebook* e junto uma legenda para compor o enunciado, essa legenda faz parte da entrevista concedida pela juíza “*Eu achei que iria morrer mesmo*”. De acordo com Barton e Lee (2015), no ambiente virtual é comum o compartilhamento de vídeos e fotos para interagir e junto postar uma legenda para compor o texto no espaço *online*, essa prática de intercalar com outros gêneros textuais é tido como um elemento intertextual. Um recurso interessante utilizado pelo portal de notícia é o uso do vídeo como um recurso a mais para construir sentido. Nota-se que os textos se intercalam no espaço *online*, uma vez que há essa possibilidade da hibridização dos gêneros. Ainda de acordo com os autores, “Esses espaços de escrita forma um laço coeso transmodal entre a foto postada e as palavras em torno dela” (2015, p.56), além de ter uma interação com o leitor, é um elemento que também fornece sentido.

Conseqüentemente um ponto que chama a atenção dessa reportagem, é o fato da violência ter ocorrido em um ambiente de trabalho em que a vítima lida diariamente com a violência contra a mulher. No entanto, há outras questões importantes, uma vez que a vítima concedeu uma entrevista ao G1 sobre o caso. O portal de notícias G1 opta por incluir um vídeo da entrevista, dessa forma é possível que o leitor assista à entrevista, tendo em vista que não há por parte da vítima uma tentativa de se esconder, como é comum em casos de violência de gênero. Primeiramente, é preciso entender o contexto em que a matéria se difere de outras notícias que são publicadas com frequência. Ademais é possível anteciper uma atitude empoderadora por parte da vítima já que, no decorrer da entrevista, ela pede para que outras mulheres denunciem a violência sofrida, e que é preciso também que se trabalhe com os homens para que não venham a cometer atos de violência contra a mulher.



Figura 5 N1 Entrevista ao G1

Na figura (5) apresenta a foto da vítima em seu ambiente de trabalho após o ocorrido. Como dito antes, durante toda a entrevista não há nenhuma tentativa por parte da juíza de tentar esconder sua imagem, pelo contrário há várias fotos seguidas de uma fotolegenda da própria juíza para compor a matéria. Conforme foi descrito anteriormente esse recurso utilizado pelo portal de notícia é comum nos espaços *online*, é uma forma de interagir com o leitor e também para compor o enunciado. Outro ponto interessante, na reportagem é notar o lugar de fala no qual a mulher é colocada, pois se percebe que o portal se preocupou em dar voz à vítima para relatar o que aconteceu e contar os trâmites que virão a seguir com o seu agressor. No entanto, é possível problematizar que sendo uma mulher classe média alta, juíza, e que sabe de todos os seus direitos na posição de vítima de violência de gênero, ela sente-se empoderada para relatar com exclusividade, e até mesmo em conceder uma entrevista em forma de vídeo. Tal postura não pode ser analisada sem levar em conta esses aspectos sociais, que a asseguram de tomar uma determinada atitude.

A próxima notícia analisada foi publicada pelo *G1*, e relata o caso de uma mulher de 29 anos, que foi estuprada quando estava indo procurar emprego na cidade de Cariacica no Espírito Santo. Diferentemente da notícia anterior em que a violência foi cometida em ambiente de trabalho, e é possível interpretar que não há receio por parte da vítima de se expor, essa segunda

reportagem se difere por não expor a vítima.



Figura 6 N2 Foto G1

Conforme dito antes, na figura (5) não aparece o rosto da mulher violentada, ao contrário da notícia (1) nota-se uma diferença em que a juíza em seu ambiente de trabalho sofre com a violência, e há na reportagem inúmeras fotos contendo o seu rosto e até mesmo com uma citação. É possível problematizar que essa distinção de publicação pelo mesmo portal de notícias, seja decorrente da diferença estrutural, situacional e social no quais ambas as mulheres estão inseridas, já que, nessa notícia, a violência foi cometida na rua quando estava à procura de emprego. Trata-se de uma pessoa de classe social desprivilegiada, negra, portanto, mais vulnerável. Essas questões não podem ser simplesmente ignoradas em uma análise semiótica, uma vez que a linguagem não é neutra, está inserida por mecanismos ideológicos.

Para contextualizar, o portal de notícias insere trechos do relato da vítima sobre a violência sexual sofrida, mas em momento algum há o aparecimento de seu rosto com objetivo de resguardar a identidade da vítima. No relato da juíza ela afirma perdoar o agressor, e que nesse caso está como vítima e acredita que a justiça será feita, como mostra a figura 4:

G1 – Diante disso, a senhora entende que ele tem de ser condenado pelo crime que cometeu?

Tatiane – Eu entendo que tem que ser feita a justiça. E fica... a decisão é soberana dos jurados. Eles que vão analisar as provas e entender, na verdade. Nesse caso eu não tô como juíza, tô como vítima, e acredito na Justiça.

Figura 7 Trecho da Entrevista N2 G1

Na próxima figura (8) há um relato de como a violência ocorreu e em que circunstância.

“Ele chegou andando do meu lado e comentando que emprego estava difícil. Concordei, e disse que tinha acabado de deixar currículos em algumas empresas e estava indo para casa. Então ele falou que conhecia o dono de uma empresa e que poderia me levar lá para entregar o meu currículo”, lembrou.

Figura 8 N2 Relato da vítima

Em suma o modo de representar as situações pelo portal de notícias se diferencia em virtude das condições situacionais, culturais e sociais diferentes de cada uma delas, mesmo que ambas tenham sofrido violência de gênero. A esse respeito é possível problematizar, com base nos escritos de Butler (2003, p.20), que a categoria “mulher” não condiz com a realidade universal teorizada pelo movimento feminista, o qual considera que todas as mulheres são iguais, e esquece que essa universalização do que significa esse “ser” feminino não está amparado na mesma esfera social, uma vez que as mulheres partem de contextos diferentes. Nesse sentido, cobrar a mesma atitude das vítimas é outra forma de violência contra elas, ainda de acordo com a autora, a construção social de gênero está relacionada com “modalidades racistas, classistas, étnicas, sexuais, regionais de identidades discursivamente construídas”.

Na N3 publicada pela Gazeta do Povo sob o título “*Em dois meses, 17 mulheres foram vítimas de feminicídio no Paraná*”, observa-se a fotolegenda usada para compor a publicação: “*Número mostra a urgência em discutir a violência contra mulheres e aprimorar políticas de proteção e assistência às vítimas*”. É interessante notar também que o jornal optou por deixar caixas de diálogo para explicar ao leitor termos como Feminicídio, já pressupondo que o leitor poderia não ter conhecimento sobre o tema.

O que é feminicídio?

A lei define feminicídio como o crime praticado contra a mulher em duas hipóteses: em situações de violência doméstica e familiar e de menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

Figura 9 N3 Gazeta do Povo

TE! Na última semana, a assistente de pós-venda Marilze Bozza Gomes, 34 anos, foi morta pelo namorado supostamente **durante uma crise de ciúmes do parceiro**. Em depoimento à Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), que investiga o crime, o suspeito teria confessado ser o autor do disparo que a matou. A polícia acredita que a motivação do crime foi “passional”. Por trás da injustificável motivação do agressor, o fato é que a morte da assistente faz crescer as estatísticas sobre violência contra a mulher no estado e reacende o debate sobre feminicídio.

Nunca foi tão importante estar bem informado.
Sua assinatura financia o bom jornalismo.

EXPERIMENTE POR R\$ 0,99 NO 1º MÊS



O que é feminicídio?

A lei define feminicídio como o crime praticado contra a mulher em duas hipóteses: em situações de violência doméstica e familiar e de menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

No Paraná, somente entre 22 de junho e 24 de agosto, o Ministério Público do Paraná (MP-PR) recebeu 17 denúncias ajuizadas por feminicídio. O número é alto.

“Tratam-se de crimes que aconteceram nesse período e já geraram denúncia criminal. Mas é importante destacar que ainda há muitas investigações sobre assassinatos de mulheres em andamento, que podem vir a ser ajuizadas como feminicídio

também. O número pode ser bem maior”, explica a promotora Mariana Seifert Bazzo, coordenadora do Núcleo de Promoção da Igualdade de Gênero, do Centro de Apoio Operacional das Promotorias (Caop) de Proteção aos Direitos Humanos.

35%

de todos os assassinatos de mulheres no mundo são cometidos pelo parceiro ou ex-parceiro. Apenas 5% de todos os assassinatos de homens são cometidos pela companheira ou ex-companheira, de acordo com pesquisa da Organização Mundial da Saúde (OMS). No Paraná, no mesmo período em que 17 mulheres

A nova modalidade de homicídio qualificado é definida pela lei 13.104/2015, que **entrou em vigor em março desse ano**. Como a qualificação ainda é muito recente, ainda não há estatísticas consolidadas sobre quantos crimes desse tipo foram cometidos desde a sanção da lei. No Paraná, somente no fim de junho o MP introduziu o filtro no sistema de registro de denúncias recebidas.

Além disso, juízes, promotores e advogados precisam aprimorar o

Figure 10 N3 Gazeta do Povo

O jornal Gazeta do Povo utiliza de um recurso que é característico da linguagem *online* em inserir outros elementos textuais, como na figura 10. De acordo com Barton e Lee (2015) no meio virtual há a possibilidade de inserir outros conteúdos para construir sentido nos textos escritos virtualmente, já que lidamos com uma série de termos novos que ganham significado em um dado momento histórico. O termo “feminicídio”, no contexto contemporâneo, tem sido usado com frequência devido às discussões sobre os direitos das mulheres e a não banalização da violência de gênero. Assim, o autor da notícia considerou

importante situar o leitor, pois apesar de estarmos incluídos em um contexto de debates e empoderamento feminino, é importante ter em mente que uma grande parcela da população pode não estar familiarizada com esses termos que têm surgido.

Ainda na tentativa de situar o leitor sobre o tema, a notícia apresenta um dado estatístico mostrando que 35% de todos os assassinatos no mundo são cometidos pelo parceiro ou ex-parceiro, esse dado estatístico reforça o tom da notícia.

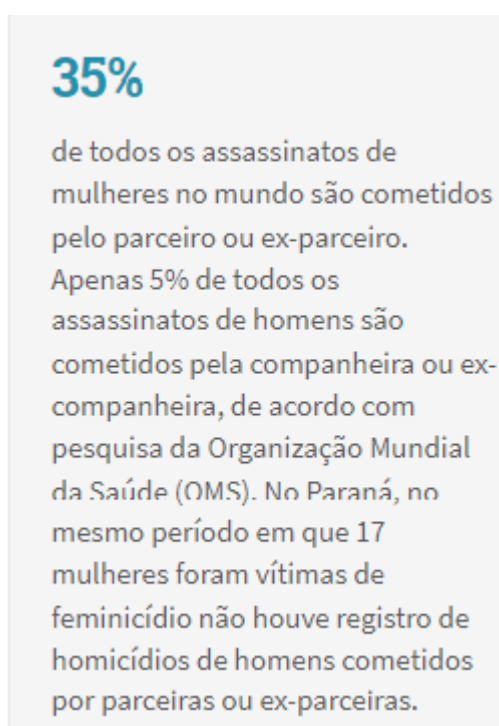


Figura 11 N3 Descrição do percentual de assassinatos contra a mulher - Gazeta do Povo

A nova informação inserida vai na contramão do senso comum, quando questiona a veracidade dos fatos, e esse dado estatístico traz para a notícia mais um argumento de autoridade, pois não são argumentos fundamentos na subjetividade. Porém, é possível notar por meio dos comentários que mesmo com os elementos para construir sentido, alguns leitores do jornal que se propuseram a comentar não compreenderam o que de fato significa. Porém é possível antecipar uma atitude por parte do comentarista, pois pode ter sido apenas uma forma de se contrapor a esse termo por não concordar com a sua

definição, a exemplo temos o comentador (1): “*Feminicídio... será que se forem levantar os dados de homens assassinados TODO SANTO dia poderia ser criado também masculinicídio?*”.

Uma prática que tem sido comum nas redes sociais é que, muitas vezes, o usuário apenas comenta a notícia sem de fato a ler. Isso tem sido recorrente uma vez que os jornais têm limitado o acesso gratuito ao conteúdo. Em jornais como a *Gazeta do Povo* e o portal *G1* o leitor tem um número limitado de acesso às notícias, passando desse limite não consegue ler, de modo que só quem for assinante tem acesso ilimitado às notícias. Dessa forma, nota-se que o comentarista ou não compreendeu a notícia, e se propôs a comentar somente por meio do título da matéria, e com isso relacionou a expressão feminicídio com “masculinicídio”. No entanto, é possível também que o comentarista tenha compreendido a matéria, mas não aceita a informação como verdade, justamente por estar ancorado em um discurso de poder do homem sobre a mulher. Dessa forma, o termo que o comentarista usa - “masculinicídio” - para se opor ao feminicídio é interessante observar a heterogeneidade e produtividade da linguagem, que permite ao falante construir um novo léxico para fazer oposição a um termo já existente no contexto da interação discursiva, para isso o comentarista adiciona um sufixo formador de substantivo para se opor a um termo já existente na língua.

Ainda com base nessa cadeia enunciativa sobre a questão do “masculinicídio” proposto pelo comentador (1), é importante salientar que o fato de homens serem assassinados todos os dias, é sim problema de ordem social, reflexo da desigualdade brasileira e que precisa ser revisto pelos órgãos públicos. No entanto, é possível refletir que os homens não são assassinados pelo simples fato de serem homens, como ocorre historicamente com mulheres, gays, lésbicas, transexuais. Assim, pode-se perceber que essa é uma questão que o autor do enunciado não consegue relacionar, por envolver outros temas sociais e que precisaria de uma leitura sobre esses problemas.

A fim de assegurar a construção de sentidos pelo leitor, a notícia inclui também um teste sobre características de um relacionamento abusivo. É interessante esse recurso textual, pois é também uma forma de interação com o leitor, na medida em que está inserido como uma forma de diálogo. De

acordo com Bakhtin (2006), o diálogo não é formado apenas por meio da comunicação em voz alta, a interação verbal também ocorre quando um texto comunica um elemento da comunicação verbal. Considerando que o discurso é impregnado de ideologia e que o texto escrito também faz parte dessa ótica, o texto “responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” Nesse contexto de antecipação de futuras respostas do leitor, o autor da notícia insere no texto um elemento de destaque: o discurso citado da advogada Sandra Lia Bazzo Barwinski, que representa um argumento de autoridade por ser uma representante da OAB responsável por cuidar de casos de violência de gênero.

“Judiciário e advogados continuam falando em crimes passionais, mas isso não existe mais no nosso ordenamento jurídico. Não existe matar por ciúme. Mata-se por ódio. A mídia reproduz o discurso do ‘matar por ciúme’ e a sociedade fica com essa percepção distorcida de que ciúme é símbolo de amor.” SANDRA LIA BAZZO BARWINSKI Advogada, presidente da Comissão de Estudos sobre Violência de Gênero (Cevige)/OAB-PR

Figura 12 N3 Gazeta do Povo

Outro ponto que o jornal Gazeta do Povo traz nessa notícia, é uma pesquisa indicando que “Mulheres têm dificuldade para interromper ciclo de violência doméstica”, o senso comum tende a julgar as muitas mulheres que são violentadas diariamente e ainda assim continuam a manter a relação com o agressor. Desse modo, a nova informação inserida pelo jornal é também uma forma de criticar os discursos e alertar para os discursos em circulação a respeito do relacionamento abusivo.



Figura 13 N3 Gazeta do Povo

Em conformidade com os estudos de Barton e Lee (2015), a escrita *online* é constituída a partir de diferentes tipos de textos que interagem para a construção de sentido no espaço *online*. Para os autores, na escrita *online* são incluídas diversas formas de recursos e sistemas para auxiliar a compreensão. Essa é uma estratégia comum e que traz para o texto escrito elementos visuais, como as cores, o uso de palavras, fontes, imagens, etc., sendo uma forma de interagir e assim criar “vínculos intertextuais” na comunicação. Ademais nas notícias analisadas percebe-se que há uma intercalação de diferentes estratégias para que o leitor pudesse compreender e interagir com a matéria.

4.2.3 A reação/resposta às notícias sobre violência contra a mulher

Como descrito na seção anterior, a primeira notícia analisada foi publicada no portal de notícias G1 “*Eu achei que iria mesmo morrer*”, no qual relata o caso de uma juíza que sofreu violência em seu ambiente de trabalho. Desse modo, o primeiro comentário que mais se destaca revela que o comentador se distanciou do fato noticiado: C1: “*Leis feministas e misândrica, um Poder judiciário que trata todo homem como bandido e toda mulher como*

santa, leva um homem ao ato desesperado a querer fazer justiça com as próprias mãos.”. Esse distanciamento provocado pelo comentador evidencia uma intenção de se opor à notícia, e para isso utiliza de escolhas lexicais como *“ato de desespero”* e *“justiça”*, para justificar a violência que a juíza sofreu. É interessante apontar que essa escolha lexical sinaliza discursos que circulam na sociedade; sendo, pois, uma palavra é *“semialheia”*. Ou seja, o falante se apropria de um discurso que está em circulação social e o toma para si como verdade, reenumerando-a, isso porque a língua *“é povoada e repovoada por intenções alheias”* (BAKHTIN, 2015, p.70). Dessa forma, é possível identificar que esse é um discurso predominante em muitos veículos de comunicação, em que prescreve que crimes contra a mulher, muitas vezes, acontecem por motivação passional, e não porque há uma relação de poder entre homens e mulheres. Ainda a respeito desse comentário, o enunciador (1) tece uma crítica ao acontecido e afirma *“um Poder judiciário que trata todo homem como bandido e toda mulher como santa”*, provavelmente o comentador não leu toda a notícia ao fazer essa afirmação, pois ignora que a vítima, uma juíza da *“Vara Doméstica e Familiar contra a Mulher”*, que trabalha com casos de violência de gênero, e ainda assim foi vítima da violência de gênero em ambiente de trabalho.

Sabendo que o discurso está relacionado por discursos ditos anteriormente e que são reproduzidos, e com isso há a antecipação da resposta do discurso, surge um novo comentário em resposta ao primeiro e, neste comentário, o autor ironiza a fala do C1 da seguinte forma, (C2) *“Ah sim! Do mesmo modo que saia curta leva ao estupro kkkk”*. Um dos elementos da linguagem *online* que é característico da internet é o uso do *kkk* que serve para sinalizar quando um assunto é muito engraçado, mas que nesse caso o autor traz para reforçar o tom de ironia. Esse recurso utilizado pelo C2 é bastante comum, uma vez que na linguagem *online* os falantes recorrem a outros recursos para reafirmar a sua postura valorativa nas redes sociais, seja uma postura de ironia, oposição ou de concordar com algo. Continuando na cadeia discursiva o autor do enunciado (1) o responde *“O que leva ao estupro é o estuprador”*, sinalizando assim o tom de réplica a que todo diálogo está condicionado,

De acordo com Bakhtin (2015), a interpretação é imprescindível para a compreensão do diálogo, pois é por meio da interpretação que o discurso se forma. Para concluir esse diálogo, um comentarista do enunciado (7) responde com a seguinte afirmação *“Um louco descontrolado que bate e ameaça de morte mulheres, mas as leis que são feministas e estão erradas.”*. O autor do enunciado descreve o infrator como *“louco descontrolado”*, essa escolha lexical está presente em muitos veículos de comunicação e em outras esferas sociais, que tentam justificar o ato de violência como sendo apenas um crime “passional” tendo como ancoragem o descontrole psíquico ou emocional do agressor. Dessa forma, desqualifica e distância do real problema que são as relações de poder que coloca a mulher em posição inferior e passível, portanto, de sofrer violência, o que evidencia a forma como a sociedade ainda enxerga a mulher. Apesar de o autor tentar rebater os comentários que criticam o feminismo, ele acaba reenunciando, na escolha das palavras, também um discurso marcado pela diferença de gênero que, não raras, vezes justifica o agressor. Para encerrar de vez o diálogo, o comentador (1) finaliza da seguinte forma *“Boa sorte. Eu sei o quanto é duro ser tratado como cidadão de segunda classe somente por ter nascido com pinto ao invés de vagina”*. Com esse comentário, o comentador sugere que o homem é visto pela sociedade como um cidadão de “segunda classe”. Evidencia um discurso em que os direitos dos homens são renegados por ser homem e não como detentor de privilégios sobre o qual a sociedade foi construída.

A próxima notícia analisada foi publicada pelo portal G1 *“Mulher é estuprada ao sair para procurar emprego”*. Desse modo, é importante problematizar os discursos que são recorrentes, e que muitas vezes, tendem a questionar a vítima e justificar atos de violência da seguinte forma *“Onde ela estava?” “Com qual roupa?” “Estava sozinha?”*, *“Saiu em qual horário?”*. Trata-se de questionamentos feitos às mulheres que sofrem ou sofreram alguma vez algum tipo de violência. Para a análise, o comentário que mais teve reação e réplica foi o enunciado 11:

C11: Agora toda mulher que gritar que foi estuprada é verdade? Precisa se investigar antes...Mas é estranho é... Seu eu sou estuprado a primeira coisa que faria seria gritar e denunciar o militante e não pegar o busão com ele...

C12: verdade, vide comentário acima, só quem passa por isso sabe... homem dizer “se eu sou estuprado eu faria isso, blabla” aaah pelo amor né, falta muita empatia no povo hoje em dia.

C11: Empatia? Leu a notícia? Daqui a pouco vão aparecer fulanas dizendo que estuprada e após o estupro pagou o táxi de volta para casa... ahhh feminazis ficam locas quando confrontadas... mas é verdade!

C12:Pelo visto sempre encontram uma vírgula para responsabilizar quem não tem culpa. Eu acho que deveríamos acreditar na vítima sempre e sem julgamentos até a polícia concluir as investigações. Se a pessoa mentiu em alguma situação, não perderemos nada tendo dado apoio. Mas se a pessoa realmente tiver sido vítima, então jogamos vinagre na ferida ao desacredita-la. Pensem nisso, deixem os julgamentos para quem estudou e exerce esta função. Enquanto nada for provado, a vítima deve sempre ser acolhida.

Nos enunciados (11) e (12) há um diálogo entre os dois comentadores, na medida em que um responde o comentário usando termos linguísticos que fazem referência a uma conversa face a face. O autor do enunciado C11, questiona se o que ocorreu com a vítima foi mesmo um ato verídico, pois segundo a interpretação do comentarista (11) a vítima deveria ter tomado outras ações que não a de pegar um ônibus com o agressor, segundo o seu ponto de vista. E, para construir sua posição, o comentador se coloca no papel da vítima, afirmando que tomaria outras ações e para isso o autor usa a primeira pessoa do presente do indicativo *“Se eu sou estuprado a primeira coisa que faria seria gritar e denunciar o militante e não pegar o busão com ele...”*

O comentarista (11) faz parte de uma cultura que a todo instante tenta justificar casos de violência contra a mulher por meio de estratégias de desqualificação das vítimas ao tecer opiniões que deslegitimam as atitudes assumidas nas situações de violência. É interessante notar que esse comentário foi tecido, aparentemente, por um homem, uma vez que se enuncia desse modo ao utilizar a desinência de gênero masculina “o” para o termo “estuprado”, e interpreta/simula uma situação de maior ocorrência com as mulheres (o estupro), pois historicamente são as mulheres que têm sofrido com esse tipo de violência, embora os casos de estupros de meninos em situação de pedofilia também seja uma problemática, assim como em casos de homens gay, transsexuais em que também são violentados.

Ao observar essa difícil associação entre homem adulto e estupro, a comentadora do enunciado 12 responde da seguinte forma: *“Verdade, vide comentário acima”*. E logo em seguida ironiza o outro comentador: *“só quem passa por isso sabe... homem dizer “se eu sou estuprado eu faria isso, bla bla bla” aaah pelo amor né, falta muita empatia no povo hoje em dia.”*. O autor

desse enunciado insere um novo elemento em seu discurso para que haja a interação de um diferente ponto de vista que o seu, que é a repetição do que foi dito anteriormente. De acordo com Bakhtin (2015, p.55), esse é um elemento da interpretação ativa, em que os interlocutores se utilizam de inter-relações para enriquecer a interpretação. Ainda, de acordo com o autor (2015, p.55), “O falante procura orientar sua palavra - e o horizonte que a determina – no horizonte do outro que a interpreta, entra em relações dialógicas com elementos deste horizonte”. Esse recurso utilizado pelo falante no comentário de resposta, quando o comentarista (11) responde “*Empatia?*”. E conclui da seguinte forma: “*Daqui a pouco vão aparecer fulanas dizendo que estuprada e após, o estuprador pagou o táxi de volta para casa*”. Esse autor deixa subentendido que nem todas as denúncias de estupro são verdade, e sugere que isso possa ser um confronto para o que chama de “*feminazis*”.

De acordo com o Glossário da Diversidade (2017), o termo ‘feminazi’ é “uma junção dos substantivos Feminismo e nazismo. O termo é utilizado geralmente de uma forma depreciativa para descrever uma militante feminista extrema.”. Esse léxico é um signo ideológico que tenta desqualificar a luta feminista comparando-a ou fazendo uma associação com uma forma de poder que foi responsável pela morte de milhões de pessoas (nazismo). Ao se referir às mulheres feministas como *feminazis*, o comentarista (11) expressa seu posicionamento axiológico contrário em relação à luta por direitos das mulheres.

Quando questiona a veracidade dos fatos e culpabiliza a vítima, essa estratégia discursiva não é uma ação isolada já que há uma cadeia de enunciados que apontam para esse discurso machista e que inviabiliza a voz das mulheres. Trata-se, pois, de uma arena discursiva em que diferentes posicionamentos e horizontes apreciativos se confronta/se chocam. De acordo com Michelle Perrot (2005), a história sempre inviabilizou o papel das mulheres e fez questão de “esquecer as mulheres”. Portanto, o discurso do enunciador 11 faz parte de uma cadeia discursiva, ou seja, é um discurso que trata de discriminar atos de violência e esse autor o reproduz na sua fala como se fosse fruto de verdade, e há também uma profunda falta de empatia pelas mulheres e consciência política e social do seu papel enquanto sujeito homem.

Considerando que é a partir do discurso do outro que o falante constrói a sua fala, para concluir o comentador (12) afirma: *“Pelo visto sempre encontram uma vírgula para responsabilizar quem não tem culpa.”*. A interpretação desse comentário é o de que quando se trata de casos de violência contra a mulher, a sociedade como um todo tende a julgar as ações que uma vítima de violência sexual toma. Esse discurso proferido pelo enunciador 12 é um discurso já dito anteriormente por instituições ideológicas por quais os discursos estão pressupostos, pois é um discurso cultural de quando a sociedade questiona os atos da vítima e não do agressor. Ao encerrar o comentador (12) diz: *“Eu acho”* utilizando um termo que expressa a sua opinião, fundamentada na visão de que a denúncia da vítima precisa ser considerada como verdade *“que deveríamos acreditar e sem julgamentos até a polícia concluir as investigações Se a pessoa mentiu em alguma situação, não perderemos nada”*. Segundo Barton e Lee (2015, p.49), o falante utiliza recursos linguísticos como a escolha de verbos e a estrutura de sentença para se posicionar, tendo em vista que “A postura pode ser amplamente definida como um posicionamento de um falante em relação ao que é dito e a quem o enunciado é dirigido”. Sendo assim, a escolha por utilizar o *“Eu acho”* acaba sendo enfraquecida por não expressar nenhum conhecimento ou certeza sobre o assunto.

Na perspectiva bakhtiniana, toda expressão de pensamento é determinada pela natureza social do enunciado. Para Bakhtin (2006) o indivíduo ao proferir um comentário não está simplesmente expondo uma opinião como se fosse o único responsável, o discurso é baseado em interferências do ambiente social no qual o indivíduo está inserido. Essa questão pode ser analisada no interior do comentário 12: *“que deveríamos acreditar e sem julgamentos”*. A sua fala está orientada em uma concepção ideológica e que vem já sendo discutida pela sociedade, que é a não culpabilização da vítima, essa expressão é de ordem social, vinda de um movimento coletivo que defende os direitos humanos das mulheres. De acordo com Perrot (2005), decorrente de fatores históricos sempre foi imposto às mulheres um silêncio estrutural, e esse silêncio foi responsável também pela privação dos seus direitos e uma recusa em acreditar quando as mulheres denunciam a violência no qual sofreram. Sendo assim, o acento valorativo

desse comentário faz parte da constituição linguística, pois conforme Bakhtin (2006), “Toda palavra é ideológica e toda a utilização da língua está ligada à evolução ideológica”.

A próxima notícia foi publicada pelo jornal Gazeta do Povo e intitula-se: “Em dois meses 17 mulheres foram vítimas de feminicídio no Paraná”. A notícia descreve a morte de uma mulher pelo ex-companheiro e o crescente aumento da violência de gênero no estado do Paraná, além da falta de política pública que ainda é insuficiente para combater casos de violência contra a mulher.

De acordo com Bakhtin (2015), é característica do diálogo a resposta do ouvinte, toda palavra dirigida a uma interpretação responsiva depende da interpretação do outro, exemplo disso é o comentário C1: “*Feminicídio... será que se forem levar em conta os dados de homens assassinados TODO SANTO dia poderia ser criado também masculinicídio?*” Esse autor além de desconhecer o que é feminicídio, ele se utiliza de um termo “masculinicídio” inexistente até então, para se referir a homens que também são violentados.

Um recurso comum no comentário *online* é a contrapalavra em que há a possibilidade de refutar ou concordar, seja direcionado à notícia ou a alguém. De acordo com Alves Filho e Santos (2012, p.158), “O autor do comentário *online* pode partir de diferentes orientações valorativas diante do discurso que dá origem a sua fala”.

Dessa forma, a comentadora (2) faz considerações sobre a violência contra a mulher contrariando a fala do primeiro autor, C2: “*Homens assassinados por mulheres? Mulheres ciumentas, possessivas? Mulheres que espamcam seus parceiros qnd chegam bêbados em casa? Mulheres que agriem pq o jantar não tava pronto? Mulheres que levam um na noite? Me poupe estamos falando da violência do homem sobre a mulher!!!*”

Na cadeia discursiva, o comentador (2) faz questionamentos como se fossem as mulheres as agressoras e depois finaliza chamando a atenção para o que o jornal está noticiando “*Me poupe estamos falando da violência do homem sobre a mulher!!!*”. Para isso, a comentadora se utiliza de uma expressão popular “*Me poupe*”, como forma de insatisfação referente ao comentarista (1), e para reafirmar essa insatisfação ela repete o ponto de exclamação para transmitir essa ideia de inconformismo. Nesse contexto, o

comentador (1) faz a réplica iniciando com a interjeição “Ué” que indica espanto ou surpresa na língua oral C1: *“Ué, mas homem que apanha de mulher não é frouxo como as próprias mulheres fazem? Antes que venha chorar aqui, não defendo de forma alguma a violência contra a mulher. Apenas sou um combatente dessa demagogia falaciosa. Segundo o seu raciocínio, toda mulher é desprovida de violência e ataque de histeria. Nossaaa, claro. São todas de bem e paz no coração.”*

Ao afirmar que *“homem que apanha de mulher não é frouxo como as próprias mulheres fazem?”* o comentador está orientando-se para outros discursos que permeia a discussão de gênero sobre qual o papel do homem e da mulher na sociedade. Para Butler (1990, p. 120), “ser chamada de “garota desde o começo da existência é um modo no qual a garota se torna transitivamente uma garota com o passar do tempo”. Para a cultura que está baseada toda nos ideais patriarcais o fato de um homem apanhar de uma mulher é visto como algo pejorativo e deixa brechas sobre a masculinidade, como o adjetivo que o autor do enunciado utiliza *“frouxo”*. No entanto, esse não é um termo que apenas as mulheres usam, uma vez que esse é um conceito dos papéis performativos que cada sujeito desempenha em que o mesmo corre com os meninos.

Vale destacar que o autor do enunciado (1) se auto refere como um *“combatente”*, ao usar esse adjetivo passa a ideia de ser um militante sobre o que acredita ser uma *“demagogia falaciosa”*. Aqui o discurso da violência de gênero, segundo o comentador, é uma tentativa de levar as pessoas a acreditarem que as mulheres são *“desprovida de violência e ataque de histeria”*.

Seguindo a cadeia discursiva, surge um novo comentário C3: *“Pq quando homem mata outro homem, é problema nosso não da segurança pública. Ninguém mandou nascer homem, agora aguenta como homem e pare de reclamar como uma mulherzinha. Não péra.”* Esse comentador sugere que casos de violência são mais repercutidos quando é contra a mulher, indicando que se um homem denunciar a violência sofrida está sendo, como o autor descreve *“mulherzinha”*. Esse termo utilizado é frequentemente usado para chamar a todos os homens que não seguem o padrão construído socialmente

de masculinidade. O sentido produzido pelo uso desse termo é o de que ser mulher é sinônimo de ser fraca/frágil. O diminutivo que acentua e valora esse termo é frequente em vários contextos sociais em que denominam o que é o “ser” mulher desde o nascimento. Segundo Amâncio (1998), foi imposto às mulheres uma inferioridade intelectual que colocou a mulher em uma posição menor. Nesse sentido, a mulher sempre permaneceu em segundo plano da esfera pública, essa exclusão da mulher no meio público foi determinante para a manutenção de muitos estereótipos, como o aponta o termo utilizado “mulherzinha” sendo, pois, sinônimo de fraqueza e de inferioridade.

O comentador C1 responde concordando com o autor do enunciado 3, para isso ele usa o adjetivo *“Exato! Exato! Estado baba é para as minorias vítimas dos abusos históricos hahaha ”* repetindo com um ponto de exclamação para dar ênfase na sua resposta. Esse gesto enunciativo mostra o quanto o autor desse enunciado concorda com o posicionamento do C3. Para Barton e Lee (2015), a construção de sentido no espaço *online* é feita por meio do posicionamento em relação ao que está sendo dito. Essa compreensão do sentido é evidenciada pelos enunciadores C1 e C13 na situação interlocutiva em que o autor interpreta o comentário de outro, concordando, valorando e acentuando objetivando reafirmar o discurso do outro. Isso aponta para a perspectiva bakhtiniana de linguagem, pois todo diálogo pressupõe uma réplica, formando uma interação dinâmica com o discurso alheio, uma vez que todo discurso está à mercê de uma resposta (BAKHTIN, 2015). Assim, observa-se que o mesmo ocorre nos comentários supracitados, uma vez que temos a réplica de um diálogo real, na medida em que se constitui por meio das enunciações do outro. É nessa tensão discursiva que se tem o tom ou a acentuação da palavra. É no contexto do heterodiscurso que se encontram as diferentes vozes que permeiam o discurso ou vozes que corroboram com uma determinada discursividade.

Exemplo disso é a possibilidade de as diferentes vozes no enunciado do comentarista (4), em que a autora traz para a sua resposta outras vozes que ecoam no seu comentário e traz os autores do enunciado 1 e 3 para a matéria em si: *“A questão é o contexto da matéria! Ninguém merece ser vítima de violência. Nesse caso, é a violência absurda contra mulheres, praticada por*

homens.”. E complementa ao introduzir um discurso que coloca a luta feminista não como uma luta de superioridade em relação ao homem como é recorrente.

Continuando na cadeia enunciativa, surge um novo comentador, que introduz da seguinte forma C4 “*Não há que se existir guerra de sexos, porém, é preciso que a sociedade abra os olhos, e pare de achar que as mulheres não são vítimas, pq são sim. E qdo o machismo mata é preciso tratar do assunto com responsabilidade. E até hj não vi nenhuma matéria com o título: Noivo é assassinado pela histeria da companheira...*”. Ao dizer que nunca viu uma matéria em que o homem é a vítima, a comentadora apresenta a perspectiva de que os casos de violência de gênero são cometidos em sua grande maioria por homens. Apesar de não trazer nenhum dado estatístico, o comentarista (4) aproxima dos dados apresentados pelo Mapa da Violência Homicídio de Mulheres, em que a cada cinco minutos uma mulher é agredida no Brasil. Segundo Bakhtin (2006), a palavra é o produto da interação, uma vez que determina a interação com o interlocutor, e basicamente é construída por meio de relações sociais que o falante tem com o outro. A partir do enunciado do comentarista (4) em que há um discurso que se assemelha aos dados estáticos, como foi dito anteriormente, percebe-se que o autor traz para o interior do seu pensamento uma questão que, de acordo com Bakhtin (2006), é responsável por organizar a atividade mental do indivíduo que é a expressão, a palavra precede do exterior e que o indivíduo se apropria dos discursos social para exteriorizar uma opinião.

A situação de interação em que o discurso é proferido também precisa ser levada em conta, pois ao dizer: “*E até hj não vi nenhuma matéria...*”, a comentadora aponta um contexto social em que mulheres são violentadas todos o dia percebe-se nesse discurso a tomada de consciência de uma prática que faz parte da realidade brasileira, que é a violência contra a mulher. Assim a comentarista parte de uma esfera social e elucida o seu pensamento para o ouvinte. Essa expressão de pensamento da comentarista é constituída por meio da inter relação social em que se encontra. Dando continuidade na cadeia discursiva, o autor do anunciado C1 intercala no comentário uma notícia em que a vítima da violência de gênero é o homem, e traz essa notícia para dar legitimidade a sua fala de que homens também estão a mercê de sofrer

violência C1: *Tá bom pra vc? “Homens são brutais e violentos” “Mulher mata marido com facão em Ivaté”*

É preciso problematizar que a violência está sim inserida na cultura brasileira, no entanto, o autor não percebe que o problema do feminicídio vai além dos atos de violência, pois é uma questão de poder do homem sobre a mulher, em que o feminicídio ocorre pelo simples fato de ser mulher.

Na sequência, o autor do C4 o responde: *“Não, não tá bom pra mim. Não quero que morram mais homens que mulheres. Disputa ridícula. Se vc procurar saber de vdd, de qtas mulheres são violentadas, física, verbal, psicologicamente, vc vai ver que é preciso a sociedade ser reeducadas, para que o machismo pare de matar. Porém, já vi que vc tá parecendo se enquadrar no lado dos machões...O que é um direito seu. Mas assim, só repetindo, a resposta ao comentário foi baseada na matéria, e não na pauta da violência absurda que toma conta de toda a sociedade”*

A partir do enunciado do comentarista (4) é possível perceber as diferentes vozes que permeiam sua fala, trazendo para os comentários indícios que são estatísticos quando se trata de casos de violência contra a mulher, indicando que a violência não é só física, mas também verbal e psicológica. Desta ainda que se trata de uma competição entre homens e mulheres, mas sim de uma cultura machista que precisa ser “reeducada” como a autora mesmo expõe para que casos de violência contra a mulher não voltem a acontecer. Outro ponto interessante desse comentário é que responde o C1 já antecipando uma possível resposta do autor e diz: *“Não quero que morram mais homens que mulheres. Disputa ridícula”*. De acordo com Bakhtin (2015, p.51), o discurso está orientado dentro do que já foi dito “Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele”. Desse modo, a autora do enunciado C4 menciona que o comentário está baseado na matéria publicado pelo jornal e reafirma: *“Mas assim, só repetindo, a resposta ao comentário foi baseada na matéria...”*

Ainda na cadeia discursiva, o C1 refuta o comentário anterior: *“Não precisa disso moçX. Se a pessoa for mal educada, ela será sendo homem ou mulher. Ir chorar pro Estado Baba coisas do tipo “assédio verbal” ou “fiu fiu” e*

afins só faz aumentar essa rivalidade da qual vcs em sua maioria alimentam.” Nesse comentário, há uma forte opinião pessoal do autor no que diz respeito aos direitos concedidos às mulheres. Para Alves Filho e Santos (2013, p. 83), o comentário *online* “atende à necessidade social de manifestação pública na esfera jornalística”. Considerando a valor que o comentário *online* tem para o leitor, percebe-se que o autor do enunciado 1 faz uso expressivo desse recurso. Um ponto interessante de se notar é que o comentarista leva para outro debate a questão da violência, sugerindo que a agressões verbais que é corriqueiro na vida das mulheres como o “*fiu fiu*” e “*assédio verbal*” como o autor bem diz, é sem relevância para ele e ainda rebate dizendo que essas reclamações só fazem aumentar a competitividade entre as mulheres. Ao dizer “*só faz aumentar essa rivalidade da qual vcs em sua maioria alimentam*”, esse não é um discurso único e original desse anunciador, e sim faz parte da cultura que trata de colocar as mulheres uma contra as outras, essa concepção de que mulheres são rivais é antiga e está presente em todas as esferas sociais, principalmente na mídia que faz questão de colocar as mulheres como sendo inimigas. Nesse sentido, esse autor reproduz um discurso já dito por instituições de poder que regulam a formação de opinião do público.

A interpretação responsiva, de acordo com Bakhtin (2015), é parte essencial da formação do discurso, já que para ter interação entre os interlocutores é preciso que haja a compreensão do diálogo que está disposto. Para isso, Bakhtin (2015, p.55) salienta que “A interpretação só amadurece na resposta. A interpretação e resposta estão dialeticamente fundidas e se condicionam mutuamente: uma é impossível sem a outra.” Considerando a importância da interpretação para a compreensão do discurso, o autor do enunciado 4 responde da seguinte forma “*Ah,vc leu a matéria? Leu como ela se inicia “A mulher contou também, segundo a polícia, que o marido segurava um facão durante a discussão”*”. Ao trazer para o comentário elementos da notícia publicada pelo portal, o autor faz uso de um elemento que Bakhtin chama de “interpretação ativa”, que é quando o interlocutor traz novos elementos em seu discurso, ocorrendo dessa forma a interação de diferentes pontos de vista.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2015, p. 55) afirma que “O falante procura

orientar a sua palavra e o horizonte que a determina - no horizonte do outro que a interpreta, e entra em relações dialógicas com elementos desse que a interpreta.". Para concluir o comentarista (5) escreve: "*Discutir com machista, é guerra sem fim. Nojo.*". Nesse enunciado, o autor tece a sua opinião referente a outro comentário e não propriamente direcionado à notícia, para isso o comentarista (5) faz uso de uma expressão "*guerra sem fim*" que é uma expressão para se referir a um contexto em que o diálogo é praticamente impossível, e por isso associa a um contexto de guerra. De acordo com Alves Filho e Santos (2012, p. 158), essa é uma característica comum do gênero comentário *online* "O autor do comentário *online* pode partir de diferentes orientações valorativas diante do discurso que dá origem a sua fala".

Por fim, essa análise discursiva qualitativa interpretativa demonstrou as valorações que os sujeitos atribuem à violência contra a mulher, e os mecanismos lingüísticos utilizados para materializar um discurso que já vem sendo proferido há tempos por diferentes instituições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das interações em notícias *online* acerca da violência de gênero evidenciou ao contrário do que se imaginava um embate discursivo nos comentários. Nota-se que os discursos estão calcados em concepções dos diferentes papéis que homens e mulheres exercem.

Outro aspecto evidente na análise é a opção seja consciente ou não por uma linguagem aproximada da conversa oral, mais descontraída sendo menos monitorada no que diz respeito aos aspectos linguísticos, por parte dos comentaristas, porém isso não significa que não haja uma monitoração do discurso. Além de a linguagem ser menos monitorada nesses espaços, há também a criação de novos termos em oposição a termos já oficializados no discurso, essa possibilidade de criação de novos termos ocorre devido à linguagem ser heterogênea e social, em que mesmo tendo um sistema de normas na língua, os falantes estão a todo o momento reconfigurando a língua e a resignificando.

A análise baseada no círculo de Bakhtin e nos estudos feministas revela como o sujeito cria identidade usufruindo de discursos já ditos anteriormente, mas que no espaço *online* reproduz determinados discursos como se fosse único e interage com outros usuários, intercalando os diferentes discursos. E, a partir da análise dos enunciados percebe-se que o indivíduo se apropria de discursos já constituídos por instituições ideológicas, e o reproduz como se fosse um discurso própria, passível de imposições sociais.

É importante mencionar o papel do portal de notícias G1 e jornal Gazeta do Povo para a construção de sentido, uma vez que cada um utiliza de diferentes recursos textuais para aproximar o leitor da matéria em si, seja por meio de vídeos, mescla de textos e a foto que já é um recurso utilizado até nos jornais impressos. Outro elemento importante foi a forma como as plataformas utilizadas descreveram os casos de violência, a exemplo o portal G1 em que na primeira notícia analisada *“Eu achei mesmo que iria morrer”*, a vítima concedeu uma entrevista relatando o caso é importante salientar que a entrevista foi concedida quase um ano após o ocorrido, então pode-se supor que isso fez com que a vítima sintasse empoderada para falar como aconteceu e incentivar

outras mulheres a denunciarem seus agressores, uma vez que a mesma fala de um lugar que lhe dá poder, no qual ela também exerce poder

Na segunda notícia “Mulher é estuprada ao sair de casa para procurar emprego” percebe que há um cuidado por parte do portal em não expor a vítima, considerando o estado de vulnerabilidade social em que se encontra. Esse cuidado por parte do portal é compreensível, uma vez que uma vítima de estupro tende de alguma forma não se expor, por conta do trauma sofrido. Além disso, há uma diferença na forma de violência das duas vítimas analisadas, pois o estupro contém uma valoração diferente na sociedade. Desse modo muitas mulheres têm até medo ou vergonha de expor esse crime, já prevendo uma reação por parte das pessoas, como até foi notado em alguns dos enunciados analisados, em que os comentaristas questionaram a atitude da vítima de estupro, até mesmo em se colocar em seu lugar como justificativa de que teria tomado outra atitude do que essa teve. Provavelmente, o portal considerou todos esses aspectos sociais ao redigir a matéria e na forma como expôs as vítimas.

Dessa forma, constatou-se que o gênero comentário *online* é um importante recurso no processo de interação desse espaço, já que constitui redes de interação entre os sujeitos, em que a réplica e contra resposta são um elemento recorrente nesse gênero, e que também influencia no jogo de tensão entre os interlocutores. Assim, é interessante que para a análise interpretativa não se exclua o sujeito da prática social, analisar só o sistema linguístico sem considerar as interferências extralinguísticas acaba por minimizar o sujeito na linguagem.

Por fim é importante que traga esse tema para a linguística, uma vez que os sujeitos são constituídos pela linguagem em uso. Nesta análise ficaram evidenciados os diferentes modos de ver a mulher em contexto de violência de gênero, que mesmo com todas as discussões sobre os direitos humanos garantidos às mulheres, ainda prevalece um discurso que as condena.

Ademais é necessário que se continue a se estudar sobre tema, e que se questione a noção de verdade sobre o que é ser mulher na sociedade, considerando que os papéis impostos pela sociedade não são neutros e sim a partir de ideologias e até mesmo de interesses políticos, econômicos e culturais

em prol da manutenção de um tipo de sociedade, sendo que é por meio da linguagem que esses instrumentos são realizados e repercutidos.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-PEREIRA, R. **O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- ALVES FILHO, Francisco Alves; SANTOS, Eliane Pereira dos. Relações Dialógicas e a Construção do Sentido no Gênero Comentário Online. **Revista FSA**, Teresina, v.9, n.2. 2012. p.144-160.
- ALVES FILHO, Francisco; SANTOS, Eliane Pereira. O plurilinguismo no gênero comentário online: encontro e confronto entre muitas vozes sociais. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, n. 2, abr./jun., p. 301-317, 2014.
- ALVES FILHO, Francisco Alves; SANTOS, Eliane Pereira dos. O Tema Da Enunciação E O Tema Do Gênero No Comentário Online. **Fórum Lingüístico**. abr-jun 2013, Vol. 10 p.78-90.
- AMÂNCIO, L. **Sexismo e racismo: dois exemplos de exclusão do outro.** In H. G. ARAÚJO, P. M. Santos & P. C. Seixas (Coord.). Nós e os Outros: a exclusão em Portugal e na Europa. 1998. Porto: SPAE.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria Do Romance (vol. 1): A Estilística.** São Paulo: 34, 2015. 256 p. Paulo Bezerra.
- BAKHTIN, M. M. Gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail M., VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** 11. Ed. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006 (1979)
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais.**

Tradução do inglês por Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HEBERLE, Viviane M. **Revistas para mulheres no século 21**: Ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias? Linguagem em (Dis) curso - LemD, Tubarão, v.4.esp, 0.1122. 2004.

GOMES, Romeu. MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). FERREIRA, Suelu Deslandes; CRUZ NETO, Otávio. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora); FERREIRA, Suelu Deslandes; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MEURER, J. L; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. et al (Org.). **Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem**: A Abordagem de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2005. 183 f.

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1987.

NYE, Andrea. **Teoria Feminista**: e as Filosofias do Homem. Rio de Janeiro: Record, 1995. 284 p. Nathanael C. Caixeiro.

OLIVEIRA, Amanda Maria de. **NOTÍCIAS PARA MULHERES**: DIALOGISMO E AVALIAÇÃO SOCIAL. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.

PERROT, Michelle. **As mulheres:** ou os silêncios da história. Bauru: Edusc, 2005. 520 p. Viviane Ribeiro.

RODRIGUES R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. Linguagem em (Dis) curso. **LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan. /abr. 2014.

REMENCHE, Maria de Lourdes; ROHLING, Nívea. O horizonte valorativo em enunciados do gênero comentário online: uma escuta dialógica. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 1460-1475, out. 2016. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n3p1460/32713>>. Acesso em: 06 out. 2016.

SCOTT, Joan. **História das mulheres. A Escrita a história:** novas perspectivas / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no ocidente.** Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. 2008.

VOLOCHÍNOV, N. V. **Marxismo e filosofia da linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34 1ª edição. 2017.

VOLOCHÍNOV, N. V. **A construção da enunciação e outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

WAISELFISZ. Julio Jacob. **Mapa da Violência** - Homicídio de Mulheres no Brasil. 2015. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 27/03/2017.

TOURINHO, Francis Solange Vieira. Marcelo Henrique Romano Tragtenberg. Bianca Costa Silva de Souza. Olga Regina Zigelli Garcia Sergio Sena. **Glossário da diversidade**. UFSC. 2017. Disponível em:

http://saad.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio_vers%C3%A3ointerativa.pdf.

Acesso em: 20/10/2017

N1 Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/juiza-atacada-ha-1-ano-em-forum-de-sp-diz-que-perdoa-o-agressor-tenho-medo-dele.ghtml>

N2 Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/mulher-e-vitima-de-estupro-ao-sair-para-procurar-emprego-no-es.ghtml>

N3: Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/em-dois-meses-17-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidio-no-parana-dc6hjakuybe076ktj7xt2q7nf>